



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

FÁTIMA CRISTINA SANTOS CHAVES

**RECURSOS DE ENSINO EM PERÍODO PANDÊMICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ – MA**

Imperatriz
2023

FÁTIMA CRISTINA SANTOS CHAVES

**RECURSOS DE ENSINO EM PERÍODO PANDÊMICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ – MA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. José Batista de Oliveira (*in memoriam*)

Co-Orientadora: Profa. Herli de Sousa Carvalho

Imperatriz
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Chaves, Fátima Cristina Santos Chaves.

Recursos de ensino em período pandêmico na educação infantil de uma escola municipal de Imperatriz - MA : Recursos de ensino em período pandêmico na educação infantil de uma escola municipal de Imperatriz - MA / Fátima Cristina Santos Chaves Chaves. - 2023.

65 p.

Orientador(a): Prof. Me. José Batista de Oliveira Batista.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, UFMA - Centro, 2023.

1. Escola. 2. Estratégias de aprendizagem. 3. Família. 4. Pandemia. 5. Recursos. I. Batista, Prof. Me. José Batista de Oliveira. II. Título.

FÁTIMA CRISTINA SANTOS CHAVES

**RECURSOS DE ENSINO EM PERÍODO PANDÊMICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ – MA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: _____ / _____ / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. José Batista de Oliveira (Orientador – *in memoriam*)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho (Co-orientadora/Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Francisca Melo Agapito (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Rita Maria Gonçalves de Oliveira (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais, José Ribamar Bertoldo Chaves,
Marinalva Macedo Santos Chaves.
Vocês, meus educadores principais, sempre me
inspiraram a alcançar o melhor de mim mesmo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte da minha vida, inspiração e sabedoria. Até aqui o Senhor me sustentou e nunca me abandonou! Sou muito feliz por Deus estar sempre comigo e sou grata pelo seu grande amor.

Ao meu pai, José Ribamar Bertoldo Chaves, que mesmo não possuindo escolaridade, mas nunca me impediu de buscar algo melhor na vida.

À minha mãe, Marinalva Macêdo Santos Chaves, que me incentivou nesta jornada acadêmica, que se alegrou com o meu curso e me apoiou desde o início. Agradeço por seu cuidado incessante, por todo amor, por suas orações, proteção e carinho. Tais ações foram fundamentais para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao meu orientador, professor José Batista de Oliveira (*in memoriam*), por todo apoio que ofereceu na realização deste estudo, pelo conhecimento compartilhado, pelas correções, insistências, e, principalmente por ter me incentivado a chegar até aqui. Obrigada por ter confiado e acreditado em mim.

À Universidade Federal do Maranhão – UFMA, a coordenação do Curso de Pedagogia e docentes. Agradeço imensamente a Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho, pelo apoio oferecido, por assumir com todo carinho a responsabilidade de ser a minha co-orientadora. Também agradeço a Profa. Dra. Francisca Melo Agapito, que com muita educação e preocupação se dispôs a me passar todas as informações devidas até a data da defesa deste trabalho.

Ao meu esposo, Daniel de Moraes Pereira Fonseca, por cada atitude de apoio, dias e noite ao meu lado me incentivando, compreensão e amor que teve para me ajudar a finalizar essa jornada acadêmica.

À gestão do colégio CEBAMA – Centro Educacional Balão Mágico, que depositou em mim a confiança de fazer parte de sua equipe de professoras, sendo esta empresa, o meu primeiro lugar de atuação como profissional docente.

RESUMO

Este trabalho investigativo, que tem como tema: “Recursos de ensino em período pandêmico na Educação Infantil de uma escola municipal de Imperatriz – MA”, aborda as mudanças e adequações de docentes no processo de aprendizagem, bem como apresenta os impactos que essas ações trouxeram para com a escolarização. O objetivo desta pesquisa é analisar as estratégias e metodologias utilizadas pelas professoras da Educação Infantil durante o período da pandemia do vírus SARS–COV-2, o Coronavírus, nos anos de 2021 e 2022, bem como conhecer as novas formas de aprender, verificar quais impactos sofreu o processo de aprendizagem de crianças; e, compreender como a escola, professor, família e aluno se adequaram às mudanças ocorridas nesse período. Para fundamentar esta pesquisa e atingir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em autores como: Alves (1997), Kramer (2006), Kuhlmann (1992), Brandão (2010), Veiga (2008), Arce (2002) e outros. A abordagem utilizada foi a qualitativa com enfoque fenomenológico. O instrumento usado na coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Os informantes da pesquisa foram 5 docentes que atuam em uma escola pública de Imperatriz – MA na etapa da Educação Infantil, sendo o critério para escolha, ser graduado em Pedagogia e atuar como professor/a há pelo menos 2 anos na etapa aqui investigada. Para trabalhar os dados coletados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. A análise das informações constatou que o uso da tecnologia se tornou fundamental neste período e que a família, a escola e o educador/a foram fundamentais para o êxito das novas modalidades educativas verificou-se também, que diante das respostas dos participantes que a insegurança, a falta de conhecimento, e os fatores sociais que abalaram a sociedade global por conta da pandemia, tornaram suas estratégias de trabalho bem mais complexa do que as que estavam acostumados a presenciar em sala de aula.

Palavras-chave: Estratégias de aprendizagem. Pandemia. Recursos. Família. Escola.

ABSTRACT

This investigative work, which has as its theme: “Teaching resources in a pandemic period in Early Childhood Education at a municipal school in Imperatriz - MA”, addresses the changes and adaptations of teachers in the learning process, as well as presents the effects that these actions brought towards schooling. The objective of this research is to analyze the strategies and methodologies used by Early Childhood Education teachers during the period of the SARS-COV-2 virus pandemic, the Coronavirus, in the years 2021 and 2022, as well as to know the new ways of learning, to verify which suffered the learning process of children; and, understand how the school, teacher, family and student adapted to the changes that occurred during this period. To support this research and achieve the proposed objectives, a bibliographical research was carried out based on authors such as: Alves (1997), Kramer (2006), Kuhlmann (1992), Brandão (2010), Veiga (2008), Arce (2002) and others. The approach used was qualitative with a phenomenological approach. The instrument used in data collection was the semi-structured interview. The research informants were 5 teachers who attended a public school in Imperatriz - MA in the Early Childhood Education stage, being chosen to be a graduate in Pedagogy and acting as a teacher for at least 2 years in the stage investigated here. To work with the data collected, the technique of content analysis was used. The analysis of the information found that the use of technology has become fundamental in this period and that the family, the school and the educator were fundamental for the advancement of the new educational modalities. , the lack of knowledge, and the social factors that shook global society due to the pandemic, made their work strategies much more complex than what they were used to witnessing in the classroom.

Keywords: Learning strategies. Pandemic. Resources. Family. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 MINHA HISTÓRIA DE VIDA EM FORMAÇÃO.....	14
2 ELEMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	24
2.1 Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19).....	34
2.2 Recursos de Ensino em Período Pandêmico	40
3 ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS NA PESQUISA DE CAMPO	46
CONSIDERAÇÕES.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho abordarei sobre a nova variante SARS-COV-2 que se estendeu rapidamente por todo o mundo causando contaminação e mortes de milhões de pessoas. Também, abordarei a influência abrangente e transformadora que a pandemia teve no cenário educacional. Desde o seu início, a crise sanitária impôs desafios inéditos às instituições de ensino em todo o mundo, forçando-as a se adaptarem rapidamente ao ensino remoto e as novas metodologias de aprendizagem.

A palavra Pandemia de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é definida como: disseminação rápida por meio de contaminação contínua, ou seja, passando de pessoa para pessoa. Historicamente, cenários pandêmicos já perpassaram nossa sociedade e história humana há alguns séculos e décadas atrás. Pandemias causam medo, insegurança, distanciamento e incerteza em toda a sociedade. O mundo já vivenciou quadros pandêmicos gerados pela proliferação de vírus e bactérias que ceifaram a vida de milhões de pessoas.

Há tempos a sociedade sofre com o contágio de doenças como: Sarampo, Cólera, Gripe H1N1¹, H2N2², H3N3³, H5N1⁴, nomenclaturas alfanuméricas popularmente conhecidas como, Gripe Espanhola¹, Gripe Asiática², Gripe de Hong-Kong³ e Gripe Aviária⁴. Com a evolução da ciência e com o desenvolvimento de vacinas e medicamentos, muitas destas doenças foram controladas ou erradicadas por meio de campanhas de vacinação. Contudo, recentemente o mundo se deparou com o surgimento de uma nova doença causada por um vírus até então desconhecido, que trouxe para a sociedade global grandes impactos em seus diversos setores.

Em meados de dezembro de 2019, a OMS foi informada pela nação chinesa sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei na China. Trata-se de uma nova variante do SARS-COV-2, um tipo de coronavírus ainda não observado em humanos. Esse novo tipo de vírus é o responsável por causar a doença COVID-19.

Sendo de fácil contágio, o novo coronavírus rapidamente se alastrou pela Ásia, Europa, África, chegando à América onde contaminou milhões de cidadãos que encontraram no distanciamento social, um aliado para o combate à pandemia.

Distanciamento: ato ou efeito de distanciar no espaço físico; atitude de reserva (AURÉLIO, 2009). O COVID-19 trouxe para o cenário social, sobretudo na saúde e

educação, desafios que exigiram, frente ao combate ao vírus, novas atitudes, comportamentos e estratégias visando a minimização do contágio e cura dos doentes. Entre tais estratégias, o distanciamento social foi um dos mais utilizados. Cidades inteiras, estados, nações, optaram por medidas de quarentena objetivando desacelerar a propagação do vírus. Outros locais, inclusive a nação chinesa, chegaram a decretar *Lock Down*, expressão inglesa que significa bloqueio total, onde em apenas dias e horários específicos seria permitido a saída e circulação de pessoas fora de suas residências. Se as pessoas não poderiam sair de suas residências, ou mesmo se a orientação dada pelas autoridades governamentais e de saúde era o distanciamento, como ficaria a educação neste novo cenário social? De modo que tais reflexões e indagações levaram à fomentação desta análise e pesquisa.

É fato que a pandemia do novo Coronavírus, afetou diretamente o processo de aprendizagem, sobretudo no Brasil, as relações sociais, o cotidiano dos alunos, a relação professor/a e estudante, escola e família, tudo seria afetado. Surgiram assim neste contexto, indagações como: de que forma funcionará a educação durante este período? Como ofertar um ensino de qualidade integralmente a todos os alunos? Quais recursos de ensino serão adotados para essa nova realidade?

Nesse sentido, este trabalho se propôs a investigar os “Recursos de ensino em período pandêmico na Educação Infantil de uma escola municipal de Imperatriz – MA”, objetivando analisar quais foram os recursos utilizados por professoras da Educação Infantil durante o período de pandemia no processo de aprendizagem. Este trabalho buscou: identificar as metodologias de ensino utilizadas pelas professoras da Educação Infantil no período pandêmico; apontar os impactos sofridos pelos alunos da etapa aqui investigada, no processo de aprendizagem no período da pandemia do COVID-19; descrever como a escola, professoras e alunos se adequaram às mudanças ocorridas no período pandêmico.

A realização desta pesquisa partiu de uma revisão de literatura, enfocando as ideias de diversos autores que discutem sobre o processo de aprendizagem e recursos que estes demandam, como: Alves (1997), Kramer (2006), Kuhlmann (1992), Brandão (2010), Veiga (2008), Arce (2002) e outros.

O interesse para essa pesquisa surgiu a partir das experiências pessoais vivenciadas em sala de aula, por atuar como docente em uma escola da rede particular de ensino de Imperatriz – MA, tendo um enorme aparato tecnológico,

acesso à *Internet*, *notebooks*, câmeras, livros digitais, entre outras ferramentas que estavam disponíveis tanto ao professor quanto ao aluno das escolas privadas no período pandêmico. E o ensino público? Esse foi o questionamento inicial. Como ficou organizado o ensino no período pandêmico nas escolas públicas? Os alunos das escolas públicas tiveram o mesmo acesso às tecnologias que facilitassem sua aprendizagem e estreitassem o distanciamento? Estas e outras inquietações pessoais, culminaram na análise aqui apresentada.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública do município de Imperatriz – MA. Os sujeitos da pesquisa foram 5 docentes (professoras). A escolha das docentes seguiu os seguintes critérios: ser professora graduada em Pedagogia, atuar na Educação Infantil e estar há pelo menos 2 anos no segmento de ensino. Os dados foram coletados por meio da aplicação de entrevista semiestruturada, orientando-se por meio de um roteiro com 8 perguntas. A análise de conteúdo foi escolhida como estratégia de estudo dos dados obtidos.

A abordagem de pesquisa escolhida foi a qualitativa com enfoque fenomenológico. Segundo Alves (1997, p. 55) “Os investigadores qualitativos fazem parte de um universo, em que o conhecedor e o conhecido estão sempre em interação e a influência dos valores é inerente ao processo de investigação”. Essa abordagem se torna de grande relevância para educadores/as investigadores/as que desejam perceber os impactos sofridos pelos/as alunos/as no processo de aprendizagem no período da pandemia, esclarecendo as suas inquietações, e com isso, alcançar o seu objetivo.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma breve história da minha vida, o texto está organizado em três subtópicos, o primeiro esta descrito os meus registros pessoais, como, sentimentos e pensamentos, o segundo subtópico relato sobre a minha família, apresentando desde os lugares que os meus pais se conheceram e, por fim, apresento o terceiro subtópico do primeiro capítulo relatando a minha escolaridade, desde a educação infantil até à universidade.

O segundo capítulo traz uma breve visão da historicidade da Educação Infantil no Brasil, no qual pode-se notar que o surgimento das instituições da Educação Infantil efetuiu-se em meio as necessidades decorrentes de mudanças econômicas, sociais e políticas ocorridas por volta do século XIX. O subtópico um, aborda acerca da cronologia da pandemia pelo Brasil e no mundo, desde a notificação dos primeiros

casos, onde surgiram, quais foram as intervenções por partes dos governantes e sobre os tratamentos para o combate do vírus.

Além disso, apresenta uma reflexão sobre o impacto da propagação do novo Coronavírus na sociedade e, sobretudo na educação, apontando os desafios, mudanças e adequações dos docentes no período pandêmico. O subtópico dois do capítulo, descreve o novo cenário da educação brasileira em meio a pandemia, nele apresenta os recursos remotos que professores/as de uma escola pública da cidade de Imperatriz - MA utilizaram como ferramenta de ensino. Esse contexto, movimentou os educadores e, todos tiveram que se reinventar, buscando e apresentando as suas criatividade para não deixarem de levar o conhecimento por meio do ensino remoto para os que estavam em seus lares seguindo as medidas preventivas contra o vírus.

Já o terceiro capítulo, no tópico um, apresentamos a organização e análise das informações levantadas na pesquisa de campo, caracterização da instituição onde a pesquisa foi aplicada, descrição da estrutura física e quadro de funcionários. No segundo tópico, também contém as percepções pessoais dos participantes da pesquisa e resposta à entrevista aplicada a estes. A análise de discurso está no tópico três em que a partir de referências teóricas baseadas nas falas de autores renomados na Educação, refletimos acerca sobre os desafios enfrentados pelos/as educadores/as da Educação Infantil em relação aos recursos tecnológicos usados para dar continuidade a uma educação de qualidade em tempos de pandemia, com isso, vemos que a educação é um processo que não cessa, o que cessou nesse período foi a escolarização no sentido presencial para o virtual, mesmo não sendo a modalidade mais adequada, porém foi um único método disponível para dar continuidade a aprendizagem.

1 MINHA HISTÓRIA DE VIDA EM FORMAÇÃO

A narrativa de vida é um momento de registro privilegiado, é eternizar no papel palavras que ficarão gravadas por tempo indeterminado. Na medida em que está sendo redigido o texto, automaticamente fazemos uma reflexão do que somos, e dos porquês de tomar certas atitudes. Podemos dizer que é uma ressignificação das experiências do dia a dia, também uma oportunidade de relembrar dos momentos mais marcantes e, até mesmo recordar de pessoas que trazem a memória cheia de significado. Escrever sobre a minha trajetória escolar é um desafio gratificante. Isso me proporcionou fazer um autoavaliação da pessoa que hoje eu me tornei.

Meu nome é Fátima Cristina Santos Chaves, nascida em 31 de março de 1994, filha de Marinalva Macedo Santos Chaves e José Ribamar Bertoldo Chaves. Resido na cidade de Imperatriz/MA, tenho um irmão mais velho do que eu, cujo nome é Marcelo Santos Chaves, e tive a oportunidade de ter outro irmão, que era o primogênito dos meus pais, mas veio a óbito em 2004, nos deixando uma grande saudade. Sempre fui muito apegada com minha mãe e desde criança os meus pais me ensinaram a ter a responsabilidade de cuidar do lar. Venho de uma família muito simples, porém lutadora para sobreviver em meio a tantas crises financeiras.

Ao rememorar minha infância, lembro-me que havia dois melhores lugares que eu gostava de estar, que era ir para a escola e passar as férias na casa dos meus avós. Esses lugares me fazem lembrar de um sentimento puro de liberdade, porque eram lugares que me traziam alegria ao estar perto de pessoas que me faziam bem.

Na escola eu me sentia à vontade para conversar, gostava de brincar com cadernos ao final da aula, sempre necessitava ficar mais tempo na escola quando a aula acabava, pois, a minha mãe trabalhava na escola que eu estudava e, precisava esperar o serviço do dia acabar para podermos ir para a casa. Eu gostava de ajudar meus colegas nas atividades, tinha facilidade para memorizar as leituras e lembro vagamente do meu caderno exclusivo para escrita, e apesar desse contato diário confesso que não consegui ter uma caligrafia boa. O que me ajudou a desenvolver melhor a leitura foi o fato de chegar em casa e brincar de pegar um livro e ir juntando as letrinhas até não haver mais dificuldades para formar as palavras.

Eu gostava de andar de ônibus, porque por onde passava gostava de ler as fachadas das lojas, era um momento divertido para mim e não deixava passar nenhuma oportunidade. Com isso, trago a definição de que a leitura além de nos proporcionar conhecimento e sabedoria, é divertimento, prazer e felicidade. Leitura obrigatória, portanto, não promove conhecimento e sabedoria. Desse modo, defino que a leitura para a criança deve ser praticada com alegria, valorizando a realidade dela e usá-la como meio de aprendizagem, despertando sua imaginação, sendo algo que traga fantasia, sonhos, música e cores.

Sempre que estava na casa dos meus avós me sentia mais à vontade do que na minha própria casa. Gostava de fazer companhia a eles e me sentia bem acolhida. A minha ida para lá era intencional, pois sempre que chegava no bairro que os meus avós moravam, tinha uma turma me esperando para nos juntar e brincar da “queima”, “elástico”, “pau na lata”, entre outras. Já era tudo combinado para todas as férias. Era por isso que me sentia bem à vontade com eles, pois com os meus pais vivia mais presa em casa, era difícil ter a permissão para sair e brincar. Infelizmente os meus avós já partiram, mas deixaram uma linda marca de amor na minha vida.

No decorrer da minha infância, comecei a ter o hábito de frequentar a Igreja Cristã Evangélica, sempre gostei de cantar, participar dos ensinamentos bíblicos, contribuir de alguma forma para o crescimento da igreja, por mais simples que fosse o meu ato, e ainda, foi por meio da fé que descobri que posso ter força para enfrentar qualquer dificuldade.

Com 16 anos de idade comecei a ensinar aos domingos na igreja para crianças da faixa etária de 7 a 13 anos de idade, esse momento de ensino chamamos de Escola Bíblica Dominical; foi a partir dessa experiência que me despertou o interesse pela educação. Antes de começar a “ensinar” como professora, auxiliava todas as salas da escola bíblica na igreja, organizando materiais, dando suporte para os/as professores/as e organizando os lanches para as crianças e, com esse contato direto com os/as professores/as que lá estavam, aprendi como me posicionar diante de uma turma. Acabei descobrindo que aquilo era a minha vocação.

Meus pais criaram seus filhos com muita simplicidade. Tive que enfrentar dificuldades financeiras, através dessas lutas costumo falar que contribuíram para o meu amadurecimento, me ensinaram a cumprir com as minhas responsabilidades e

correr atrás dos meus sonhos; e, os meus pais me ensinaram a ter mais força e resistência para alcançar os meus objetivos.

Quero aqui destacar duas personalidades que pulsam mais força dentro de mim: A primeira, no qual sempre procuro mais equilíbrio, é o autoritarismo. É uma parte da minha personalidade que deixo transparecer nos momentos que for preciso defender quem amo e lutar pelos meus direitos, com isso, costumo falar, que tudo que é injusto tem que ser advertido e tudo que for correto e justo precisa ser apoiado. Talvez as lutas da vida e o exemplo dos meus pais me ensinaram a ser assim. Entretanto, isso sempre fez parte da minha natureza e até o momento não tenho muito interesse em mudar. A segunda, eu procuro transparecer o máximo possível, o que é amar. Quando falo de amor, eu me refiro a um sentimento ligado à família, amigos verdadeiros e até mesmo o amor à religião.

Meus pais se conheceram na cidade de Capinzal do Norte, é um município brasileiro do estado do Maranhão. Quando se conheceram, as suas condições financeiras eram bem difíceis, a minha mãe Marinalva Macêdo Santos Chaves era quebradeira de coco e, o dinheiro que recebia em troca dos seus serviços não era o suficiente para comprar o alimento e ajudar no sustento da família. O meu pai José Ribamar era lavrador, ajudava o seu pai na roça, mas o dinheiro que conseguia não era bem direcionado para o sustento da família e, com isso, ainda hoje não é considerado por mim o chefe da família com a função de mantenedor da casa, entretanto, mesmo com todas as indiferenças do lar, a minha mãe se mantém ao lado do seu marido cuidando dele e honrando com a sua família e, decorrido a inúmeras mudanças emocionais do meu pai, a nossa família têm uma convivência agradável.

Em meio a um diálogo com a minha mãe, ela relata que decidiram ir embora para a cidade São Francisco do Brejão, que também é um município brasileiro do Maranhão, o motivo que os levaram a partir para este município foi a esperança de conquistar melhores condições de vida. Ao conversar com a minha mãe, não relatou o ano de partida, mas afirmou que nesse período já tinham o meu irmão mais velho, como relatei no início do texto sobre mim, éramos três, mas Deus permitiu que o meu irmão mais velho partisse bem jovem aos 27 anos de idade.

Depois de viverem por um tempo neste município, cada um com a mesma função de trabalho que aqui já foi citado, as situações financeiras continuaram difíceis e, novamente decidiram partir, desta vez, vieram para Imperatriz – MA, nesta cidade

havia outros familiares de ambos os lados que já moravam aqui, após a chegada, conseguiram se instalarem em casa alugada, o meu pai começou a ser vendedor de leite e a minha mãe lavava e passava roupa para outras famílias.

Nesta mesma cidade, tiveram o meu irmão do meio e depois de dez anos teve a sua última gravidez, e finalmente eu nasci. Depois do meu nascimento a minha mãe conseguiu um trabalho de zeladora em uma escola municipal de Imperatriz, hoje em dia essa profissão é alcançada por meio de concurso público ou seletivo, mas no tempo que a minha mãe conquistou essa profissão podiam apenas contratar para depois ser efetivada.

Minha mãe sempre me ensinou a cuidar do lar e, isso criou em mim um amor incondicional pela minha família, esse forte laço familiar me faz sentir o medo de perder os meus pais. Quando passam por enfermidades, faço questão de abrir mão de tudo para permanecer ao lado deles, procuro cuidar com grande amor e com fé de que todas as dificuldades são passageiras e no final sempre dará tudo certo.

Quero abrir espaço para falar deste sentimento citado: O amor. Demonstrar o amor a alguém não é uma tarefa fácil, o amor não pode ser praticado de qualquer jeito, tem que ter dedicação, sinceridade. Todos os dias devemos demonstrar esse valor não só com palavras, mas também com atitudes. O amor sincero de ajudar o próximo, de respeitar as diferenças, de se colocar no lugar do outro é um comportamento que não abro mão da minha vida, pois amar alguém é dar sem pensar em receber em troca, é estar ao lado nos momentos difíceis, é perdoar mesmo sendo magoado.

O segundo ensinamento que eu recebi da minha mãe é a conquista de ser independente, de ter o meu trabalho, buscar a minha formação e nunca baixar a cabeça diante das dificuldades. Eu devo tudo isso a ela, pois não é fácil sobreviver em meio a uma sociedade tão desigual, e me ensinou a ser forte.

Hoje, sou uma mulher casada com o Daniel de Moraes Pereira Fonseca, eu e ele somos uma família e devo admitir que fiz uma boa escolha, pois graças a Deus eu fui bem orientada pelos meus pais para casar com um bom e que cuida de mim. Todo casamento tem seus altos e baixos, mas ainda assim estou feliz.

Meu pai é analfabeto, nasceu e cresceu na roça. Ele nunca gostou de dialogar das dificuldades que já enfrentou, hoje é aposentado e, eu quero deixar aqui registrado que tudo que o meu pai precisar de ajuda, estarei sempre de coração aberto em poder

ajudá-lo e cuidar em todos os momentos.

A escolaridade da mãe foi em instituição pública, porém só estudou até a 4 série que hoje chamamos de 5 ano do Ensino Fundamental. Ela conta que na época em que estudava era uma educação bem tradicional e um dos principais métodos usados por professores/as era o uso da palmatória, e por conta dos constrangimentos e as dores que sentia quando apanhava, acabou desistindo dos estudos. Por causa desses castigos, a minha mãe era desmotivada a estudar, não gostava da professora porque tinha muito medo dela. O que mais a deixava assustada era não conseguir acertar as perguntas de Matemática, pois sempre que errava ficava de joelho no milho ou levava mais de uma palmatória. Contudo, apresento aqui uma fala da minha mãe depois que a fiz uma pergunta:

- Eu: Mãe, por que você desistiu de estudar?

- Mãe: Porque a professora me fez uma pergunta da tabuada e eu não sabia responder, então ela bateu na minha mão com um pedaço de madeira e eu fiquei zangada, então eu “dei o dedo pra ela” e, fui embora da escola.

Certamente, sempre acho muita graça quando a minha mãe conta esse episódio, mas posso afirmar que aquela professora que foi um poço de desânimo na vida dela não tinha noção do quanto a minha mãe é inteligente, pois foi ela que me ensinou a tabuada, ensinou a contar as horas, calcula os gastos da família e, deixa as contas todas em dias. Eu vejo um grande potencial na vida dela, mas é uma pena que a professora da 4 série não pode ou não deu créditos para ver o mesmo que eu.

Mas, apesar de tudo, mãe e pai sempre procuraram ensinar para mim e para os meus irmãos que, estudar sempre será o melhor caminho a ser seguido, pois se tivessem seguido em frente nesse caminho a vida deles e a infância dos filhos e filha poderiam ter sido diferentes.

Com a nossa realidade e com a maneira que nos apropriamos dela, construímos e também reconstruímos um percurso individual feito por histórias que vivemos ou que conhecemos no decorrer da caminhada. Em meio a esse percurso fazemos coisas erradas sem percebermos ou fazermos e, muitas vezes nos arrependemos, e as situações acabam servindo de lição. Outras vezes fazemos inúmeras coisas corretas que nos alegamos, amadurecemos e criamos impulso para desenvolver cada vez mais.

Minha trajetória estudantil deu-se no início de 1997, aos 13 anos de idade na

Escola Municipal Conselheiro Lafayette, na qual a minha mãe trabalhava na função de zeladora. Sempre estudei em escola pública. Gostava de brincar com livros, cadernos de colorir e sempre que encerrava a aula, me reunia com as amigas no pátio da escola para brincar de ser professora.

Brincadeiras como essa podem representar os papéis na vida da criança através do imaginário, a menina torna-se mãe, professora, médica, e, está sempre criando regras específicas para cada momento da brincadeira e, foi exatamente isso que ocorreu comigo, através da brincadeira do faz de conta, aquela fascinação por livros e cadernos e, ao simular que era professora, refletiu por toda a minha caminhada como estudante e foi a profissão que escolhi.

O brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para construir uma maneira de acomodação há cinco conflitos e frustrações da vida real.

O brincar representa uma fase no desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada. Entendemos o significado que essa situação imaginária pode agregar na vida. A criança que já apresenta manifestações por aquilo que lhe atrai, não deve ser vista como algo que é passageiro e, que só faz parte da infância, mas que seja algo aceito e, que deve ser estimulado, pois tais evidências que a criança apresenta, certamente é algo que será por ela escolhida.

Na universidade eu me considero a aluna mais tímida da turma, mas na minha infância, eu era diferente, conversava que atrapalhava a aula. Nos momentos das leituras queria ser a primeira a participar. Todos os dias antes de iniciar as aulas as professoras gostavam de cantar alguma música e para esse momento me oferecia para ficar na frente da turma fazendo a coreografia da música.

Recordo-me da primeira professora, chamava-se Maria das Graças, uma pessoa muito amável, gostava de me pôr no colo e era muito paciente conosco. Minha mãe sempre me disse que admirava muito esta professora e era muito agradecida pela forma que ensinava e o carinho que demonstrava por todas as crianças.

Ensinar bem é criar vínculos, é acreditar no potencial do/a aluno/a e observar as suas necessidades, faz toda diferença na vida do aluno. Muitas vezes o estudante possui um grande potencial, mas pode ser que tenha algum bloqueio em sua mente

que o deixa impossibilitado de expor algo precioso que ocorre em seus pensamentos e, em alguns casos, é justamente esses/as tipos de alunos/as que podem gerar uma grande transformação no espaço que está inserido/a.

A docência se define como atividade extremamente relacional, o envolvimento afetivo dos/as professores/as com seus alunos e a sua preocupação com a aprendizagem pode ser que seja um fator de desgaste emocional, mas também é fator de realização, prazer e gratificação; além de serem sentimentos que colaboram para a permanência dos/as professores/as na profissão constituindo em partes o seu significado existencial.

Entretanto, por apresentar alguma dificuldade de aparecer, como por exemplo a timidez, precisam de intermediador/a, ou seja, de professor/a que esteja lhe incentivando, ou até mesmo “empurrando” com uma boa maneira tradicional de lhe mostrar de que é capaz de todas as coisas. Esses/as alunos/as precisam ver que existe alguém que acredita no seu potencial e, é nesta situação que o/a educador/a deve estar mostrando um dos seus principais papéis neste mundo que é ser agente transformador na vida de alguém.

Na adolescência passei por um período de rebeldia, fiquei desinteressada pelos estudos, não estava mais obedecendo meus pais, as notas começaram a cair, então, só depois de uma longa e dolorosa conversa que meus pais tiveram comigo ajudou a amadurecer e a enxergar que se continuasse daquele jeito meu futuro não poderia ser um dos melhores. Desde então, comecei a mudar os pensamentos, as amizades, voltei a ser uma filha obediente e percebi que para ser alguém na vida, era preciso fazer algumas transformações de dentro para fora.

Terminei o Ensino Médio com 16 anos de idade no ano de 2010. As condições financeiras da minha família ainda eram muito complicadas e precisava de um emprego, mas não foi uma tarefa fácil, primeiro porque era menor de idade, e ainda não tinha experiência nenhuma no mercado de trabalho. Só então, quando completei 18 anos de idade que consegui o sonhado primeiro emprego, só que esse sonho não foi fácil de viver, pois trabalhar 8 horas por dia e ganhar apenas R\$ 400,00 é só para quem realmente estar necessitado.

Atualmente, estou no meu quarto emprego, e desde quando comecei a trabalhar, tracei alguns projetos de vida com o valor que ganhava, e o primeiro era comprar uma moto para mim, desde então, passei 3 anos juntando dinheiro para

comprar, e quando finalmente estava prestes a conseguir, minha mãe me pediu esse dinheiro emprestado para financiar uma casa, pois precisava juntar um bom dinheiro para dar de entrada no financiamento, como sempre coloquei minha família em primeiro lugar, resolvi emprestar esse dinheiro para minha mãe e comecei do zero.

Sofri por um bom tempo precisando de um transporte, mas hoje vejo que valeu a pena, pois vejo a alegria da minha mãe de ter uma casa própria e depois de uns dois anos consegui comprar minha desejada moto. Sei que ainda vou demorar para alcançar os meus objetivos, mas só de ter essa determinação dentro de mim, é um bom começo.

No meu tempo livre costumo ler, ouvir boas músicas com letras que tocam a minha alma, gosto de cantar na igreja e fico ansiosa para chegar ao final de semana e poder ficar em casa o dia inteiro conversando com os meus pais, ajudando nos trabalhos da casa, são momentos simples que trazem significados na minha vida.

Por onde passo gosto de fazer amizades, sou brincalhona e ao mesmo tempo séria, sou muito intensa, e às vezes é um pouco difícil explicar meus comportamentos. Levo um bom tempo para fazer amizade com alguém, mas também quando faço amizade não me envergonho de nada. Tenho dificuldades de socialização, mas gosto de estar envolvida em tudo, mesmo que fique em uma roda de conversa sem falar nada, só ouvindo e me divertindo com as brincadeiras. Essa dupla personalidade traz uma influência na prática pedagógica em sala de aula, pois no trabalho as minhas atitudes praticamente são as mesmas, faço algumas “gracinhas” para descontrair as crianças durante as aulas desgastantes, e, para vê-las sorrindo, tendo o prazer de estar lá. Por outro lado, a minha seriedade não consegue ficar de fora. Tenho alunos/as que requerem pulso firme, e, esse meu lado mais forte é o que me ajuda a manter o controle na sala de aula.

Já possuo uma familiaridade com o ambiente escolar, pois a minha mãe é zeladora há mais de 20 anos, e minha rotina teria que acontecer a partir da rotina dela. Dessa forma, todos os seus dias da semana eram trabalhando na escola, me levava em horário normal de aula, e depois que a aula acabava eu deveria continuar na escola, vendo os/as amigos/as irem embora até o serviço da minha mãe acabar, e me levar de volta para casa. Enquanto não chegava a hora de ir para casa, eu ficava brincando sozinha pelas salas de aula, no pátio, usava materiais escolares, andava de bicicleta. Ficava tanto tempo por lá, que dava para fazer um monte de coisa. Ficar

pela escola já era algo comum para mim.

Por fim, cheguei na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) parecendo uma criança toda empolgada, aos 22 anos de idade, e pelo menos cinco anos de defasagem. No ano de 2016, consegui alcançar mais um dos meus objetivos que foi ingressar na UFMA, estou cursando Pedagogia, uma área que sempre tive interesse.

A minha trajetória no Curso de Pedagogia, pode-se resumir que, foi um espaço de troca, de construção, mediadas pelas ações de todos/as os/as professores/as envolvidos/as nesse processo. Neste espaço acadêmico, descobri que o desejo de aprender a aprender caminha junto com o desejo de também ensinar e aprender, e, tenho vivido tudo isso na prática.

Durante este período no curso, passei por uma mistura de pensamentos e sentimentos. Conhecendo professores/as que passavam verdades absolutas, respeitando as nossas histórias e a diversidade cultural presente naquele contexto.

Por exemplo, por onde eu passo, deixo claramente que sou evangélica protestante e, por diversas vezes, as minhas opiniões e comportamentos não houveram nenhum tipo de confronto com professores/as, somente com alunos/as, no entanto, nenhuma discordância de opiniões chegou ao ponto de serem desrespeitosa, pois os/as professores/as sempre conseguiram mediar muito bem as situações ocorridas durante as aulas.

O que me levou a escolher este curso foi o fato de já trabalhar com crianças na minha igreja, então, decidi que a Pedagogia me possibilitaria adquirir uma melhor desenvoltura na sala de aula. O meu objetivo para seguir com esse curso era praticá-lo na minha vida cristã. Ensinar pessoas que não tiveram a mesma oportunidade que tive de aprender a ler e a escrever. Esse trabalho seria uma oportunidade de levar amor ao próximo, mesmo não ganhando nada em troca.

Assim, como a maioria dos/as acadêmicos/as, minha trajetória na universidade foi marcada por longas noites sem dormir bem e de alívios ao ver os resultados de cada esforço. Mal sabia que viria um turbilhão de dificuldades para me fazer desistir.

Neste exato momento, estou chorando e comparando que a Fátima que entrou pela primeira vez nesta Universidade não é a mesma que estar saindo. Eu era apenas uma menina, com um pensamento raso, despreparada, cheia de empolgação e muito orgulhosa, pois uma filha de zeladora e de um lavrador analfabeto estava na academia.

Não foi fácil conciliar o trabalho e os estudos. Queria ter me dedicado totalmente para o curso, mas a minha situação financeira não permitia. Mesmo assim segui lutando. Nesse percurso, muitas pessoas me ajudaram com palavras e atitudes que me incentivaram a não desistir. Estou a um passo para a minha formatura e sinto-me feliz por essa oportunidade dada por Deus e aceita por mim.

Quando sai do meu penúltimo emprego estava decidida que antes de terminar Pedagogia queria passar por uma experiência em alguma escola. Hoje, trabalho como professora do 2º ano do Ensino Fundamental numa escola particular de Imperatriz - Maranhão. Na minha primeira semana de trabalho pensei em desistir, mas os dias foram passando e eu fui me apaixonando pela profissão, e ao contrário do que eu ouvia, ser professora é muito gratificante e, por enquanto, não vejo motivos para me arrepender da escolha que fiz.

Atualmente, estou entregando todo o meu tempo possível para concluir o Curso de Pedagogia e, para isso, aproveitei toda a minha experiência na escola que estou exercendo a minha profissão como educadora. Neste tempo, acompanhei e exerci o meu trabalho antes da pandemia, durante e depois da pandemia. O período pandêmico foi muito desafiador, porque eu tive que reaprender a me comunicar com as crianças e as famílias. A responsabilidade e o trabalho foram em dobro, mas em meio a diversas crises emocionais, eu estava todos os dias da semana me deslocando para a escola para continuar contribuindo com o ensino de maneira remota. Esse foi o período que mais me marcou e, durante esse período, decidi que faria um estudo mais específico para relatar as práticas de ensino utilizadas pelas professoras durante a pandemia.

2 ELEMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Este capítulo aborda um breve histórico da educação infantil no Brasil. Com isso, veremos que essa história é marcada por uma trajetória repleta de desafios e transformações. Ao longo dos anos, a concepção e a valorização da educação para as crianças pequenas passaram por diversas mudanças, refletindo as visões e as políticas educacionais adotadas no país.

A educação é um elemento de suma importância para todos, haja vista, que a mesma percorre e acompanha o desenvolvimento dos seres humanos através do ensino, possuindo como um dos seus focos a potencialização intelectual de cada um, se associando a diversas formações, tais como a familiar, a social e a escolar. Por meio da educação é que se inicia o desenvolvimento do senso crítico, desenvolve um posicionamento para o mundo e, é justamente tais características que faz a diferença.

Neste sentido, ao longo da história da educação do Brasil, em especial a Educação Infantil, houve reformulações junto com o desenvolvimento da sociedade, no Brasil com a abolição da escravatura e proclamação da República, a sociedade abriu as portas para uma nova sociedade imbuída de ideias capitalistas e urbano-industriais. Nesse período, o país foi amplamente dominado pela intenção de certos grupos de reduzir a apatia em relação às questões infantis que dominava a esfera governamental, segundo Kramer, (1992, p. 23), eram objetivos da época:

Elaborar leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos; regulamentar o serviço das amas de leite; velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender às crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas; criar maternidades, creches e jardins de infância.

No Brasil, o surgimento de creches é um pouco diferente do que em outras partes do mundo. De acordo com as autoras Bach e Peranzoni (2014): Em todo o mundo, as creches preparam as mulheres para trabalhar na indústria, enquanto no Brasil as creches são populares para cuidar dos filhos das mães que trabalham na indústria, mas também das empregadas domésticas.

As creches são instituições educacionais que oferecem cuidados,

supervisão e estímulos adequados ao desenvolvimento infantil durante a primeira infância. As creches populares fornecem apenas alimentação, higiene e segurança pessoal. Chamam-se Casa dos Expostos ou Roda.

Assim, o atendimento à infância, surgira por meio dos serviços prestados para as instituições nominado pela palavra “creche”, cujo o seu significado está associado a estabelecimento ou instituição que abriga, durante o dia, crianças de pouca idade e, é uma organização em expansão.

O Brasil sempre apresentou dificuldades quanto ao atendimento e responsabilização no ato de educar e cuidar da primeira infância junto ao setor educacional. As creches eram vistas como locais de acolhimento, como por exemplo, um “orfanato”, e foi pensado para abrigar crianças bem pequenas que eram deixadas pelas famílias carentes, ou por mães que eram consumidas pelo mercado de trabalho e, por tanto, não poderiam se responsabilizar pelos cuidados de seus filhos. Na visão de Merisse (1997, p. 25):

[...] a creche tem geralmente sido identificada como uma instância destinada a suprir a lacuna que resulta da incapacidade da família em cumprir sua função. Ressalta-se, assim, na história dessa entidade uma forte conotação assistencialista que insiste em manter-se presente até os dias de hoje.

Um dos pioneiros que se encarregou em se preocupar com a primeira infância e o processo de escolarização, apresentar e estabelecer um caminho pedagógico encantador para educar crianças, foi Friedrich Fröbel. Ele foi um educador que surgiu da prática, ou seja, as bases da sua educação estava na percepção sensorial, que era necessário estimular a criança para perceber e entender o mundo de diferentes formas, apresentando uma linguagem oral e escrita, mas as suas principais ferramentas estava presente no lúdico e nos brinquedos criados por ele com o intuito de observar as relações direta entre o mundo interno e o mundo externo, que a criança recebia elementos do mundo externo no formato de aprendizagem e, expressava para o/a educador/a o que guardava no seu mundo interno, pois dessa forma, poderia entender o que essa criança pensava ou o que estava passando.

Segundo Fröbel entendia que a criança precisava de um espaço para aprender, então criou o jardim de infância que eram instituições de ensino para

atender crianças com menos de oito anos de idade. Essa instituição foi criada não apenas para que fossem alfabetizadas, mas para que fossem formadas na linguagem, na percepção e na brincadeira. Arce (2002, p. 108) descreve:

Para [Fröbel] ele, a infância, assim como uma planta, deveria ser objeto de cuidado atencioso: receber água, crescer em solo rico em nutrientes e ter a luz do sol na medida certa. O jardim é um lugar onde as plantas não crescem em estado totalmente silvestre, totalmente selvagem, é um lugar onde elas recebem os cuidados do jardineiro ou da jardineira. Mas o jardineiro sabe que, embora tenha por tarefa cuidar para que a planta receba todo o necessário para seu crescimento e desenvolvimento, em última instância é o processo natural da planta que deverá determinar quais cuidados a ela deverão ser dispensados. Certas plantas não crescem bem quando regadas em demasia, já outras precisam de muita água; algumas plantas precisam de muito sol, ao passo que outras crescem melhor à sombra. O bom jardineiro sabe "ouvir" as necessidades de cada planta e respeitar seu processo natural de desenvolvimento.

Dessa forma, compreendemos que as crianças precisam ser cuidadas e o adulto (educador/a), é responsável pela mediação desse processo. Inicialmente a educação escolar não era acessível a todas as pessoas como nos dias atuais, nem a sociedade tinha essas características as quais nós conhecemos, como descreve Paidéia (1993, p. 19):

Numa sociedade agrícola onde os meios de produção eram elementares, só a elite dominante necessitava ser letrada. O governo não se interessava em ampliar a rede secundária, pois a economia não exigia nível médio. A elite, tendo o poder aquisitivo nas mãos, matriculava seus filhos nas escolas particulares, com finalidade de que atingissem o nível superior para serem os futuros administradores do país. Sendo assim, a estrutura educacional não foi alterada neste período.

As famílias viviam única e exclusivamente da lavoura e seus filhos e filhas eram quem ajudavam nesta produção diária. Como não haviam leis que assegurassem e resguardassem os direitos das crianças de exercer atividade superior à sua capacidade física, era normal, as crianças trabalharem na lavoura ou mesmo em trabalhos domésticos. Eram poucas as pessoas que tinham acesso à educação escolar no Brasil, pois o custo da mesma era muito alto. Só os fazendeiros e os conhecidos "homens da lei" tinham como ter acesso a ela.

Essa realidade foi se modificando aos poucos a partir da segunda metade do século XIX. As instituições escolares eram formadas basicamente da creche e do jardim de infância e, tempos depois, na década de 1980, diferentes grupos da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores/as na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança de obter uma educação de qualidade desde os seus primeiros meses de vida.

Consoante a isto, com as mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorreram no Brasil, se fez necessário a exigência de uma nova Constituição Federal brasileira que reconheceu o direito da educação como um bem inalienável do estado democrático de direito. De acordo com Bittar (2003, p. 30), o esforço coletivo dos diversos segmentos visava assegurar na Constituição brasileira de 1988, os princípios e as obrigações do Estado com as crianças". A Constituição efetiva os direitos sociais, tendo a educação como princípio.

Desta forma, ocorreu um marco histórico no qual o sistema educacional, garantiu que tanto a criança que morasse no interior quanto a da cidade, pudessem ter acesso à educação escolar sendo que para aqueles que não pudessem arcar com tal despesa, ficaria a cargo do Estado promover esse benefício, de acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988):

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade. Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:
I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação.

Portanto, a educação passou a ser vista como um direito fundamental para a dignidade humana, para a construção de uma sociedade livre como um caminho seguro para a redução da desigualdade.

Durante décadas, houve diversas transformações: a pré-escola não tinha caráter formal, não havia professores/as qualificados/as e a mão-de-obra era às vezes formada por voluntários/as, que rapidamente desistiam desse trabalho. Graças à Constituição Federal de 1988, é que a criança fica legalmente identificada como sujeito que têm os seus direitos. Sendo que a Educação Infantil foi incluída no sistema educacional definindo que os pais, a sociedade e o poder público devem respeitar e garantir esses direitos estabelecidos no artigo 227, que diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p. 1).

À Educação Infantil, foi acrescido o caráter educativo. As creches e pré-escolas no Brasil surgiram propondo cuidados que vão para além de uma forma assistencialista devido a crescente industrialização do país ocorrido no início do século XX, quando as mulheres começaram a ganhar mais espaço no mercado de trabalho, fazendo-se necessário deixarem seus filhos e filhas nestas instituições. Nesse período essas instituições eram voltadas basicamente aos cuidados com higiene, saúde e alimentação respondendo assim à questões como o abandono, a desnutrição, a mortalidade infantil, a formação de hábitos higiênicos e a moralização das famílias operárias (OLIVEIRA, 2000, p. 24).

Neste âmbito, a Constituição vem como modelo da nova democratização no Brasil, reconhecida como uma Constituição cidadã e, essa educação coloca a educação como direito público subjetivo. Anteriormente, a Educação Infantil não tinha esse direito garantido, mas com esta Constituição, o/a educando/a passa a ter atendimento com qualidade ao material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Destacamos que, por muito tempo no Brasil e no mundo, as creches e pré-escolas apresentaram diversas finalidades no atendimento a crianças pequenas, que variavam desde o combate à mortalidade infantil até a substituição dos cuidados maternos, com o objetivo de possibilitar a introdução

das mães para o mercado de trabalho. Em meio ao quadro histórico descrito, a autora Spada (2005, p. 4) reafirma:

[...] pelo menos até o final da década de 1930 a creche não é aceita como uma instituição válida para receber crianças durante o período de trabalho dos pais. A creche nem mesmo desfruta de uma função plenamente definida, pois, apesar de ser considerada como um mal necessário, proveniente de um desajustamento moral e econômico decorrente da industrialização e da urbanização, a creche é vista ora como substituto da família, ora como sua auxiliar. Assim, as primeiras creches não apresentam uma dimensão pedagógica no trabalho que desenvolvem, pois priorizam apenas os cuidados com a primeira infância (SPADA, 2005, p. 4).

Assim, mudar essas concepções tem sido alvo de combate que se estende até os dias de hoje, a fim de que se consiga definir a verdadeira função dessas instituições e qual a responsabilidade do estado perante essas crianças:

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades e o papel do Estado diante das crianças pequenas. Embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um desses aspectos (BRASIL, 1998, p. 16).

Nesse contexto, percebemos que a Educação Infantil visa o desenvolvimento afetivo, educacional, cognitivo e social da criança. Porém, a mesma necessita de um trabalho significativo, voltado para o bom desenvolvimento de todas essas visões por não ser ainda capaz de deter sua autonomia plena, necessitando de cuidados específicos.

Somente com o movimento educacional denominado, Escola Nova (que tinha como objetivo a democratização escolar), e a ação de educadores/as como: Fernando de Azevedo (1920 e 1930), com as ideias progressistas sobre o ensino e a cultura no país, também Anísio Teixeira (1920 a 1950), trouxe para a realidade educacional brasileira, ideias e técnicas pedagógicas dos Estados Unidos da América, representadas pela filosofia educacional de John Dewey (Final do século XIX e início do século XX). No entanto, uma negativa do

pensamento dos pioneiros é que a realidade brasileira era totalmente oposta da realidade americana ou europeia.

Desta forma, ao proporem um novo tipo de sociedade capitalista e de defenderem princípios ditos democráticos, e direito de todos se desenvolverem segundo o modelo proposto de ser humano, esquecem o fato fundamental desta sociedade, que é o de estar ainda dividida em termos de condição humana entre os que detêm os meios de produção, isto é, entre dominantes e dominados, e assim, entendendo que a educação é uma ferramenta de transformação social (RIBEIRO, 1981).

Durante a sociedade medieval tradicional, as crianças eram comparadas aos adultos, a valorização da família não era posta em primeiro lugar, e sim a busca de bens materiais, essa visão passou a ser modificada com a chegada da Revolução Industrial que durou de 1760-1840, porém somente as crianças de classe alta eram tratadas melhores do que a criança pobre. Com o nascimento da indústria, se mostra uma realidade comum: aumento significativo de mudança de hábitos e costumes da família. As mulheres operárias que não tinham com quem deixar os seus filhos e filhas contratavam os serviços de outras mulheres que não trabalhavam nas fábricas.

Diante disto, com os avanços na indústria surgiram o primeiros Jardim de Infância. Kramer (2006, p. 14) completa:

A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na comunidade.

A função dos integrantes familiar, foi um dos setores que perpassaram por grandes mudanças, onde cabia ao patriarca a função de prover a família, e à mulher (esposa), o ofício dos cuidados domésticos e atendimentos às crianças.

Durante o processo de industrialização esse cenário necessitou ser adequado, o mercado de trabalho cada vez mais ofertou mão de obra feminina, surgindo com isso a necessidade de um atendimento educacional especializado para as crianças, com um lugar de cuidar e educar. Visando tal iniciativa, em 1922 realizou-se o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CDPI),

que de acordo com Kuhlmann (1992, p. 01) tinha por objetivo tratar dos assuntos que direta ou indiretamente se referiam à criança seja do ponto de vista social, médico, pedagógico, higiênico em geral, como também particularmente, tratar sobre suas relações com a Família, a Sociedade e o Estado.

As creches e pré-escolas no Brasil, surgiram da necessidade de ofertar um espaço de cuidado para com as crianças afim de com isso liberar as mulheres para atuarem nas indústrias e suprir as necessidades que o Capitalismo exigia em cada época da história.

Posteriormente, diante das lutas dos/as operários/as para garantir seus direitos como trabalhadores/as, as questões voltadas para a Educação Infantil passaram a ter uma visão bem mais aprofundada, em relação ao direito das crianças. Kuhlmann Júnior (1992, p. 02) afirma ainda que a educação adquiriu um espaço privilegiado aparecendo como um núcleo catalisador das propostas para a infância. Tendo além dos cuidados como uma das prioridades, outras questões foram levantadas como: higiene, questões pedagógicas, psicológicas e sociais. Essas levantadas e levadas a debates, estudos e análises ao longo dos anos.

Historicamente a idealização de Educação Infantil, passou por grandes mudanças que foram acompanhando as transformações sociais e os conhecimentos adquiridos, no que se refere às necessidades e fases do desenvolvimento infantil. Por muito tempo a criança simplesmente não era vista como um ser social, não tendo o direito de expressar suas vontades e opiniões, sendo vista somente como alguém que deveria se portar de forma a obedecer as ordens dos adultos.

De acordo com as autoras Maranhão e Silva (2011, p. 9) o acesso aos bens culturais e à Educação Infantil exercida por creches e pré-escolas é considerado um direito de toda criança de 0 a 6 anos, além daqueles oferecidos no meio de origem”. Apenas a partir da década de 1970 com os avanços políticos e as lutas populares para a ampliação do acesso às escolas e a uma educação de qualidade, as lutas feministas passaram a reivindicar que as creches e pré-escolas fossem obrigação do Estado que, até então, não detinha nenhum compromisso com essas instituições. Spada, (2005, p. 4) descreve:

Em função da necessidade de instituições que atendessem aos filhos dos trabalhadores, cresciam as reivindicações e, por conseguinte, estrutura-se o Movimento de Luta por Creches, criado por parcelas da população que necessitava desse tipo de serviço. Esse movimento vigorou no município de São Paulo de 1978 a 1982 e desempenhou importante papel na reivindicação pela expansão das vagas em creches, apontando essa instituição como uma necessidade da sociedade e indicando como responsabilidade do Estado sua criação e manutenção.

A criança passou a ser protegida constitucionalmente e foram resguardados às mesmas, alguns direitos inerentes a pessoa humana (BRASIL, 1988). Tempos depois, perceberam que ainda era muito frágil essa categoria humana, quando foi criado no cenário jurídico o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei 8.069/1990, que é reconhecido como principal marco legal e regulatório dos direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil.

A partir da Constituição de 1988 e da criação do ECA que a nação brasileira passou a reconhecer o direito de acesso e frequência às creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado:

A nova Carta constitucional reconhece o dever do Estado de oferecer creches e pré-escolas a todas as crianças de 0 a 6 anos. No entanto, a fim de que esse reconhecimento se transforme em realidade, fazendo com que a educação pré-escolar se torne verdadeiramente pública, é necessário que haja legislação e recursos específicos, estabelecidos não só pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mas também pelas Constituições Estaduais (KRAMER, 2003, p. 18).

Essa Constituição vem como modelo da nova democratização no Brasil, reconhecida como uma Constituição Cidadã e, essa educação coloca a educação como direito público subjetivo. Anteriormente, a Educação Infantil não tinha esse direito garantido, mas com esta Constituição, o/a educando/a passa a ter atendimento com qualidade ao material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. O governo possui uma grande parcela para que essa educação seja desenvolvida e para que a criança possa ter qualidade nesse processo educativo de forma que todos tenham oportunidade educacional.

Hoje o governo possui um processo de elaboração de proposta pedagógica que visa o bom andamento da Educação Infantil no Brasil

estabelecendo claramente a real função desta etapa da Educação Básica.

Segundo o art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que se refere à Educação Infantil:

A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRANDÃO, 2010, p. 84).

Com isso, surgiu uma nova função relacionada à proposta pedagógica voltada à Educação Infantil, que por sua vez, assume suas competências voltadas ao desenvolvimento integral das crianças. Kramer (2003, p. 19) sugere que:

A fim de que essa função se afirme na prática, o trabalho pedagógico precisa se orientar por uma visão das crianças como seres sociais, indivíduos que vivem em sociedade, cidadãos e cidadãs. Isso exige que levemos em consideração suas diferentes características, não só em termo de história de vida ou região geográfica, mas também de classe social, etnia e sexo. Reconhecer as crianças como os seres sociais que são, implica em não ignorar as diferenças. Os conflitos que podem emergir não devem ser encobertos, mas por outro lado não podem ser reforçados: precisam ser explicitados e trabalhados com as crianças a fim de que sua inserção social no grupo seja construtiva, e que cada uma seja valorizada e possa desenvolver sua autonomia, identidade e espírito de cooperação e solidariedade com os demais.

Diante disto, se percebe que as questões voltadas ao atendimento infantil, ganha, novos olhares, visto que a Educação Infantil visa o desenvolvimento afetivo, educacional, cognitivo e social da criança. O cuidar e o educar permeiam essa modalidade de ensino, levando em consideração a especificidade de cada um valorizando suas histórias como um ser social.

Por fim, o ingresso da criança a esta etapa da Educação Básica, se torna o início do processo educacional que envolve toda a comunidade escolar e familiar para a formação de cidadãos rumo ao conhecimento e desenvolvimento integral de suas habilidades, na qual a criança deve ser o centro dessa mobilização em consideração a construção de conhecimento e aquisição de sua autonomia própria.

Sabemos que a educação presencial desempenha um papel fundamental no

desenvolvimento dos estudantes. A seguir, descrevo sobre o “COVID 19” e as consequências e mudanças que esse vírus causou na sociedade, tais como na educação.

2.1 Pandemia do novo Coronavírus (COVID-19)

Os principais pontos a serem abordados neste subtópico, é sobre a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), tais como, a situação que ficou marcada na vida das pessoas ocasionando infecções, mortes, afetando a saúde pública, economia e a educação.

Em meados de 2019 surgiu na China, na cidade de *Wuhan* os primeiros casos de uma doença que logo ficou conhecida como “COVID 19”, proveniente de um vírus intitulado SARS-COV-2. Logo, a partir dos primeiros casos confirmados, a Organização Mundial da Saúde (OMS), iniciou os trabalhos, juntamente com outros órgãos, para identificar a origem, causa desta nova doença. Teve início então, uma corrida para identificar os fatores de transmissão e prevenir a proliferação do vírus entre as pessoas, já que há pelo menos sete variantes conhecidas de coronavírus capazes de provocar males e sequelas respiratórias ao homem. Isso ocorre pelo fato do SARS-COV-2 ser um vírus, que possui material genético composto por RNA e este possuir uma capacidade muito maior de recombinação genética, ou seja, sofre mutação constante, sendo assim difícil de encontrar uma cura para tal (VIEIRA, 2020).

Sabendo que a humanidade no decorrer da história e evolução das sociedades, já enfrentou e vem enfrentando epidemias e pandemias que resultaram em milhares de mortes em todo o mundo, alguns estudos apontam que a ação do homem pode estar ligada diretamente ou indiretamente com o surgimento e proliferação desta doença.

O homem sempre esteve por trás, criando alguma condição que favoreceria o aparecimento e alastramento das epidemias. Essas epidemias aconteceriam de qualquer maneira, mas suas intensidades foram favorecidas pela interferência do homem (UJVARI, 2014, CFF, 2020).

Ainda não se sabe ao certo como surgiu o novo Coronavírus, sendo uma das possibilidades apontadas pela OMS, que a transmissão desta doença se iniciou a partir da quantidade de morcegos que habitam a região chinesa de Wuhan, onde a transmissão poderia ocorrer com facilidade, já que este animal carrega uma grande carga viral. Outras hipóteses, também foram levantadas como: transmissão através de alimentos contaminados, objetos compartilhados, contato físico, entre outros, sendo estas possibilidades não confirmadas pelos órgãos competentes.

Sem um controle específico, a doença rapidamente se espalhou pela Ásia para em seguida proliferar-se por todo o globo, causando medo, insegurança, distanciamento, alterando a vida e história como um todo, na sociedade atual. Grande foi o número de mortes em decorrência do contágio pelo COVID-19. Os primeiros sintomas referiam-se à infecções respiratórias aguda. De acordo com Spadacio, Guimarães e Alves (2020, p. 62), “a infecção respiratória é causada pelo vírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-COV-2)”, desta forma podendo se espalhar de forma muito rápida.

Neste contexto, as manifestações clínicas desta doença, varia do segundo ao décimo quarto dia após o contato com o vírus. Diante deste cenário, o número de contaminados cresceu até a criação de uma vacina. Após o início da campanha de vacinação, foi possível acompanhar por meio das reportagens televisionadas, redes sociais, a redução dos números de mortos em todo o mundo.

Antes dessa diminuição dos casos das pessoas contaminadas pelo vírus, o Ministério da Saúde, determinou o isolamento social e medidas de higiene e profilaxia. Inúmeros dispositivos legais foram instituídos no Brasil, regulamentando o uso de luvas e máscaras em estabelecimentos que possuíam alto fluxo populacional (BRASIL, 2020, p. 5).

Dentre os sintomas dessa doença, estão presentes: febre, tosse, diarreia, náusea, falta de ar, que podem se agravar e levar a pessoa a óbito. Porém, em alguns casos não são constatados nenhum sintoma ou apenas sintomas gripais leves, podendo com isso, ser confundida com outras doenças,

como uma “simples” gripe.

Diante do alto avanço e rapidez na contaminação, as estratégias adotadas entre as medidas sanitárias, seria minimizar o contato humano, tendo em vista que, a COVID-19 é transmitida a partir do contato de pessoa para pessoa, por meio de gotículas de saliva em espirros e tosses, secreções nasais, ou até mesmo, por meio de objetos e superfícies contaminadas (WHO, 2020)

A sociedade de forma global se viu obrigada a adotar novos hábitos, como: uso de máscaras, luvas, álcool em gel, manter o distanciamento social, entre outros que impactaram vários setores direta e indiretamente. A saúde, a economia e a educação tiveram grandes mudanças diante do surgimento desta doença. Cerca de um terço da população mundial estava submetida a restrições de mobilidade, geralmente por períodos longos (WILDER-SMITH; FREEDMAN, 2020).

Diante disso, muitos estudos foram acelerados, a fim de produzir uma vacina eficaz no combate à COVID-19. O Brasil também fez parte dessa corrida em favor da descoberta de uma vacina segura e eficaz no combate a doença. De acordo com o Ministério da Saúde (2021), o uso de vacinas é um dos principais mecanismos das políticas de saúde pública para o combate às doenças infecciosas.

Sabendo que a vacina no decorrer da história se tornou um dos mecanismos mais eficazes no combate a erradicação de doenças graves, o apoio à vacinação em massa mobilizou as grandes potências mundiais em prol do estudo, da criação e aplicação da vacina de forma a combater a pandemia.

Os Impactos sociais, econômicos, políticos e culturais, ocasionados devido a pandemia do COVID-19, repercutiram de forma globalizada, marcando a história da sociedade atual, já que muitas nações tiveram suas vidas transformadas, gerando incertezas acerca do futuro social no planeta.

Uma preocupação da Organização Mundial da Saúde é com as desigualdades sociais ampliadas por conta do contágio do vírus, emergindo principalmente em cidades com precário saneamento básico e com falta de informações (SILVA; NETO; SANTOS, 2020, p. 35).

Essa instabilidade gerada devida o surgimento desta doença, tem

afetado, com mudanças drásticas, diversos setores sociais, se intitulando como “o novo normal”, ou seja, o afastamento e isolamento entre as pessoas ser tratado de modo comum e tangente a todos, inclusive entre membros familiares mesmo após o indivíduo não estar mais doente. Além do uso de máscaras e álcool em gel, como medida protetiva contra a COVID-19, são considerados a partir de então, ações comuns a todos. O contato físico, cumprimentos de mãos, ou quaisquer toques físicos, passaram agora a ser reprimidos; a ordem é distanciar-se.

Diante disto, a economia foi uma das mais impactadas pela pandemia, já que o distanciamento social, forçou o fechamento de empresas nos diversos setores, fazendo com que o Produto Interno Bruto (PIB) caísse fortemente, o desemprego aumentasse com demissões forçadas, já que muitas empresas tiveram que paralisar seus trabalhos por conta do distanciamento social. Os setores mais afetados são os de alimentação, turismo e transporte (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2022).

Inúmeros foram os prejuízos no setor econômico, porém outras questões trouxeram pânico para a população, afetando diretamente a saúde mental da população: a perda de familiares próximos, o grande número de mortes, a falta de contato físico e as sequelas emocionais e biológicas causadas pela doença. Por sua vez, todas estas questões modificaram drasticamente a rotina de muitas famílias pelo mundo, bem como, devido a dificuldade de não conseguir fazer adaptações com a nova rotina.

Nesse íterim, crianças também foram afetadas emocionalmente de forma negativa, visto que não possuem maturidade psicoemocional para enfrentarem as mudanças repentinas advindas com o novo cenário gerado pela pandemia. Portanto, Schmidt (2020) expõem “A pandemia do novo coronavírus pode impactar a saúde mental e o bem-estar psicológico também devido a mudanças nas rotinas e nas relações familiares”. O fechamento de creches, escolas e universidades, trouxe consequências para a educação, no processo de adquirir conhecimento e na expectativa de interação. O que foi posto em questão foi o caráter social da escola, que vai além das atividades curriculares.

A escola é o meio no qual o aluno tem um ambiente muito singular para

se desenvolver, se descobrir, socializar experiências, vivências e se enturmar. É o contato social mais precoce e profundo depois da família. Quando a criança, o jovem ou o adulto é retirado das atividades presenciais nas escolas, perdem-se todos esses recursos apresentados que são fundamentais para o seu desenvolvimento (WHO, 2020; FIOCRUZ, 2020).

Como forma de garantir o distanciamento social, para evitar a transmissão do vírus, o modelo educacional vigente na maioria das nações (aulas presenciais) foi substituído por aulas *online* e a Educação à Distância (EAD) passou a fazer parte integral da rotina de estudos escolares dos/as educandos/as, e sua maioria.

A partir desse panorama pandêmico e de forma emergencial, foram procuradas saídas que se aproveitaram das experiências de Educação a Distância (EaD), uma vez que essa tem sido uma estratégia implementada por muitas instituições de ensino em todo o mundo, desenvolvendo assim, inúmeras discussões em diversas áreas de conhecimento (SILVA; NETO; SANTOS, 2020, p. 31).

Na ótica de Rodrigues (2004, p. 54) “O desenvolvimento da educação à distância aconteceu por meio de gerações, conforme as necessidades de ensino e as inovações tecnológicas e de comunicação de cada época”. Com isto, essa modalidade de ensino foi uma alternativa para o momento de pandemia, porém anteriormente pouco conhecida e valorizada, com isto, LITWIN (2005, p. 19) reforça:

No Brasil, o desenvolvimento da EAD tem seu início no século XX, em decorrência do iminente processo de industrialização cuja trajetória gerou uma demanda por políticas educacionais que formassem o trabalhador para a ocupação industrial. Dentro desse contexto, a Educação a Distância surge como uma alternativa para atender à demanda, principalmente através de meios radiofônicos, o que permitiria a formação dos trabalhadores do meio rural sem a necessidade de deslocamento para os centros urbanos.

Por força maior, devido a pandemia, as escolas, cursos profissionalizantes, faculdades, universidades e a grande maioria das categorias educativas migraram para as aulas *online*. Essas foram ofertadas através de plataformas, redes sociais e das ferramentas digitais que devido ao novo normal, sofreram adequações, a fim de suprir a necessidade educacional de cada etapa

da educação.

Segundo Ribeiro (2012), a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na educação, foi vista como um recurso para a melhoria do processo de aprendizagem, visto que estas, se tornaram indispensáveis na aprendizagem de crianças, jovens e adultos em todo mundo por permitir o acesso de forma virtual, estreitando distâncias e facilitando o acesso à educação.

Contudo, para a Educação Infantil isto, configura-se como inapropriado para o desenvolvimento escolar e integral da criança porque aprende e se desenvolve por meio de suas relações interativas com outros. Conforme Linhares e Eunuco (2020, p. 4):

Além das grandes perdas do processo de aprendizagem formal, as crianças estão sendo privadas da necessária socialização com os pares, em que ocorrem aprendizados significativos para o desenvolvimento humano. Tais como: experiências lúdicas compartilhadas, que implica em interações proximais face a face; cooperação; convivência com as diferenças; compartilhamento de decisões; enfrentamento de desafios; negociação de conflitos; adiamento de gratificações; espera da sua vez; exercício de controle de impulsos; entre outras habilidades.

Em relação ao modelo de educação sugerido pela maioria das escolas brasileiras no cenário pandêmico do SARS-COV-2, este pode vir a funcionar para muitos/as educandos/as, porém, para outros não; e este fato não deve ser um motivo de desespero e perda do sentido da vida; as expectativas de aprendizagem não podem superar as das aulas presenciais, porque, na verdade, o contexto é diferente. Desta forma, Machado e Pereira Junior (2021, p. 1) explica:

Em meio ao momento difícil de pandemia causado pelo novo coronavírus, que estamos vivendo coletivamente, o ensino remoto se tornou a saída para que os alunos não deixassem de estudar. No entanto, com a necessidade de suspensão das aulas presenciais, muitas questões foram surgindo a respeito do ensino remoto para as turmas da Educação Infantil, pois o período escolar da Educação Infantil é visto como uma das etapas mais importantes presentes no processo da Educação brasileira.

Por conseguinte, é importante oferecer alternativas dinâmicas que incluam a rotina da família para o aprendizado do conteúdo básico, sempre

visando ao bem-estar psicológico da criança (Medeiros; Pereira; Silva, 2020, p.11).

Diante da crise gerada, mediante a pandemia as preocupações aumentaram significativamente em relação à qualidade de vida em sociedade, na qual se torna relevante acrescentar que os brasileiros sofreram impactos psicológicos e sociais em vários níveis de intensidade e gravidade (FIOCRUZ, 2020). Portanto, diante deste cenário os níveis de estresse, medo e insegurança passaram a fazer parte do contexto social da população global.

2.2 Recursos de ensino em período pandêmico

O assunto aqui abordado, aponta que durante o período pandêmico, a educação precisou de adaptar a novas realidades, e diversas estratégias foram utilizados para garantir a continuidade da aprendizagem dos estudantes.

A realidade que o mundo enfrentou com o COVID-19, fez com que no âmbito educacional, todas as modalidades de ensino, passassem por grandes mudanças em suas estratégias de ensino, que por sua vez tiveram que se adequar a cada momento no decorrer da pandemia do novo Coronavírus. De acordo com Santos (2020, p. 07) as redes de ensino têm se esforçado para garantir os direitos das crianças em tempos de isolamento social, bem como caminhos para alinhá-los às determinações de políticas públicas.

Diante dessa situação, se fez necessário aplicar decisões emergenciais, e com isso, foi preciso o isolamento e o fechamento temporário de escolas, até esperar o momento em que o vírus reduzisse sua propagação e obtivéssemos um controle da situação pandêmica.

Todo este cenário de medidas de minimização da proliferação viral perdurou por aproximadamente dois anos. Instituições educacionais dos municípios, estados e regiões no Brasil, pararam suas atividades letivas presenciais. Em algumas localidades foram determinadas férias escolares antecipadas de modo a manter crianças e familiares em casa. Finda as férias, as atividades escolares passaram a ser ofertadas pelo modelo remoto de aulas.

Com este cenário, foi possível perceber as vulnerabilidades da educação

brasileira. Expôs muitas dificuldades em que os/as alunos/as, a escola e os/as professores/as enfrentam no cotidiano escolar: dificuldade ao acesso remoto, à internet, falta de computadores, instrumentalização de *Hardware* (caixas de som, microfones e fones de ouvido) com baixa qualidade ou mesmo inexistente, prejudicando a transmissão e recepção das aulas remotas à casa do/a educando/a. Também, neste período surge uma preocupação acerca da valorização dos profissionais da educação.

A Educação Infantil, foco deste estudo, sofreu um grande impacto, quanto ao acesso às aulas remotas, tendo em vista que muitas famílias necessitavam continuar trabalhando dificultando o acompanhamento escolar em casa. Outra complicação bem visível, foi e é, a desigualdade social que impacta diretamente o desempenho das crianças; desigualdade no acesso à internet e a todo aparato tecnológico que esta exige. As aulas remotas foi a alternativa encontrada para continuidade do ensino escolar no Brasil.

Hoje, as crianças já nascem em um tempo midiático e, os desafios se tornam ainda maiores para os educadores diante desse crescimento, pois segundo Pirozzi (2020), em seus estudos, comenta que o ideal, é viabilizar experiências gratificantes para as crianças da Educação Infantil, envolvendo de alguma forma, além dos recursos, ditos escolares, tanto em momentos presenciais como remotos, a interação com as crianças, construção de relações, manutenção da atenção e, encorajamento para participação nas atividades, considerando importantes também, atividades lúdicas e práticas (como cantar, dançar, desenhar, construir brinquedos), consideradas como as mais relevantes para as crianças pequenas na atividade online.

Diante do afastamento social e fechamento das escolas, houve a migração para outras modalidades de ensino à distância por meio de diversas plataformas virtuais com programas e aplicativos que foram utilizados no período de pandemia no Brasil.

Diante deste contexto, o ensino remoto foi obrigatoriamente adotado, a fim de garantir o distanciamento social, ofertando-o por meio das plataformas digitais, passando estas a serem inseridas na rotina escolar como um todo, mostrando com isso que o uso das tecnologias veio para consolidar as novas

estratégias de ensino no mundo servindo como uma ferramenta cada vez mais indispensável no processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, em junho de 2020, o Ministério da Educação (MEC) recomendou para as instituições que oferecem ensino remoto para a Educação Infantil, que considerassem uma aproximação virtual dos/as professores/as com as famílias, para estreitar vínculos e que as atividades sejam divertidas, para que as crianças se desenvolvam brincando. Conforme destacado pela pesquisadora Cassiana Magalhães (Magalhães, 2020, p. 23):

Não existe educação a distância para a Educação Infantil, o que há nesse momento, é o encontro das famílias com a escola por meio de algum tipo de vínculo. Neste sentido, é necessário sim e imprescindível a comunicação da escola com a família, porém não é aula.

O MEC destacou ainda os possíveis desafios das aulas remotas que os/as educadores/as precisam criar ambientes lúdicos e diversificados para que as crianças consigam se envolver com as aulas e consigam realmente aprender no tempo em que estão conectadas.

Sabemos que as estratégias utilizadas pelo/a educador/a visam garantir o objetivo esperado que é o ensino integral por meio de procedimentos metodológicos que possibilitem instigar o processo de aprendizagem significativa. Sobre este contexto Cavalcante (2014, p. 71) afirma, que para garanti-lo:

A aprendizagem significativa é o resultado da construção própria de conhecimento. É a apropriação de um conteúdo de ensino pelo sujeito, o que implica uma elaboração pessoal do objeto de conhecimento. Um primeiro passo desse processo se dá na mediação do professor [...], pois é seu papel intervir no processo de construção do conhecimento pelo aluno. Para fazer essa mediação, ele conta com a cultura escolar, com o conjunto de conhecimentos sistematizados na ciência, no caso, a geografia, e estruturado pedagogicamente para compor os conhecimentos necessários a formação geral do cidadão.

Diante disto, pode se destacar que o/a educador/a por ser o/a mediador nesse processo, se torna um elemento de fundamental importância para o aprendizado do/a aluno/a. Nesse novo contexto, o mesmo teve que desenvolver suas estratégias distante de alunos/as, tornando essa realidade um grande

desafio, que foi saber ensinar de forma significativa à distância. Cabe ao professor/a transformar-se em um guia capaz de estimular alunos/as a navegarem pelo conhecimento, fazerem suas próprias descobertas e desenvolverem sua capacidade de observar, comunicar e criar (SARAIVA, 1995).

O processo de escolarização tradicional é um desafio, tanto para o/a aluno/a quanto para o/a professor/a, e diante do novo normal, por conta da pandemia do Coronavírus, as estratégias de ensino, sofreram drásticas mudanças. Com isso o/a docente necessitou adequar suas metodologias de acordo com o isolamento social, trazendo o ensino presencial para o ensino remoto. Segundo Joye *et al.* (2020, p. 13),

O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um novo modelo educacional, mas fornecer acesso temporário aos conteúdos e apoios educacionais de uma maneira a minimizar os efeitos do isolamento social nesse processo.

Diante disto, os professores de uma forma geral se depararam com o mundo virtual de forma bem presente, já que diante do distanciamento social essa se tornou a principal ferramenta no processo de aprendizagem dos/as alunos/as, sendo que muitos desses/as educadores/as, se viram diante de ferramentas digitais antes não conhecidas e tiveram o desafio de desenvolver suas aulas de acordo com as mídias em diversas formas virtuais.

De acordo com Moreira *et. al* (2020, p. 352):

Os professores se transformaram em youtubers gravando vídeo-aulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o Skype, o Google Hangout ou o Zoom e plataformas de aprendizagem, como o Moodle, o Microsoft Teams ou o Google Classroom. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo.

Surge assim uma problemática diante da mediação do/a educador/a em relação ao aprendizado do/a aluno/a já que nessa modalidade de ensino, muitas dessas plataformas digitais, só oportunizam a transmissão de conteúdo, deixando a desejar no aspecto global do/a aluno/a, prejudicando o conceito de

desenvolver suas potencialidades diante de proposta que possibilite o aprendizado integral, tornando, por muitas vezes, o ensino simplesmente automatizado ou superficial.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que alunos/as precisam desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, afirma também que a Educação Infantil assegura direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a saber:

Conviver: Possibilitar situações em que os pequenos possam brincar e interagir com os colegas, para aprenderem as regras e as normas de convivência em grupo.

Brincar: Em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Participar: Ativamente com crianças e adultos por meio de atividades propostas pelo educador e atividades da vida cotidiana, inclui o permitir que as próprias crianças participem das decisões que dizem respeito a elas mesmas e que organizam o cotidiano coletivo.

Explorar: movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, etc., por meio de diversas modalidades, como as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Expressar: “Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões” (BRASIL, 2018, 2020, p. 25).

A fim de ofertar uma qualificação especializada a esses/as educadores/as para com as aulas remotas, a formação continuada seria uma oportunidade de qualificar este docente, de forma que tenha a oportunidade de adquirir conhecimentos acerca das ferramentas digitais, apoiando a ideia de formação continuada, defendida por Mello (1999, *apud* VEIGA, 2008, p.15) por ser:

[...] um processo inicial e continuado, que deve dar respostas aos desafios do cotidiano escolar, da contemporaneidade e do avanço tecnológico. O professor é um dos profissionais que mais necessidade tem de se manter atualizado (sic), alinhando à tarefa de ensinar a tarefa de estudar. Transformar essa necessidade em direito fundamental para o alcance da sua valorização profissional e desempenho em patamares de competência exigidos pela sua própria função social.

Por conta das novas estruturas educacionais neste período, as formações

continuadas podem ocorrer de forma virtual mantendo assim o distanciamento social exigido pelo momento de pandemia, já que com as novas tecnologias da comunicação (NTIc) que possibilitam o contato com ferramentas digitais e reunir um grande número de pessoas onde as mesmas têm a possibilidade de socializar conhecimento por meio de mensagem de textos, áudios, vídeos, entre outros, e ainda, essas informações podem ser compartilhadas com pessoas de qualquer lugar do mundo.

Mas, com toda comodidade que as novas tecnologias dispõem, ainda há professores/as que enfrentam dificuldades em se apropriar dos conhecimentos tecnológicos e, por conta disso, se veem incapacitados de mediar suas aulas, necessitando assim da ajuda de terceiros para cumprir sua jornada docente. Segundo Brito (2008) há uma tendência entre os/as professores/as e assim abertamente o “medo” em usar o computador.

Neste contexto, se deparam educadores/as pelo mundo, diante da complexidade que as aulas remotas ofertam, e tendo que lidar, com cobranças, prazos e objetivos a serem alcançados, e ainda realizar da melhor forma possível o trabalho docente, tornando assim um grande desafio a sua formação enquanto educador/a.

A educação como um todo foi diretamente impactada, por conta das restrições provenientes da pandemia, e com isso, a Educação Infantil por ser a primeira etapa da Educação Básica e do aprendizado escolar, se tornou um dos setores bem mais complexos, no que se refere ao processo de aprendizagem, já que esse público é composto de crianças bem pequenas que necessitam do auxílio e mediação constante de um profissional docente. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Educação Infantil dura dos 0 aos 5 anos de idade, incluindo a Pré-escola e creches (BRASIL, 1996).

Para nortear as atividades-fim dessa etapa da Educação Básica, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), indicam princípios éticos, políticos e estéticos e afirmam que práticas pedagógicas devem possibilitar experiências diversas às crianças desde bebês, tendo as interações e a brincadeira como eixos do currículo. Esses princípios são aqueles que caracterizam o desenvolvimento do trabalho desta primeira etapa da Educação Básica. Eles somente se concretizam a partir de experiências significativas de interações das crianças com outras crianças, com

os(as) adultos(as), com os espaços e os materiais organizados intencionalmente para possibilitar experiências desafiadoras que possibilitam múltiplas aprendizagens e, conseqüentemente, o desenvolvimento integral (Anjos; Pereira, 2021, p. 06).

Deste modo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil estabelecem orientações por ser esta a:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2010).

Desta forma, se pode perceber que na Educação se tornou um desafio ofertar às crianças uma proposta de aprendizado significativo, sendo esta executada à distância. Para o/a educador/a sobrou o desafio de mediar o aprendizado infantil e de alguma forma atender às necessidades educacionais considerando os instrumentos tecnológicos essenciais para a construção de novos conhecimentos. Nota-se um esforço de muitas escolas da Educação Infantil rumo a mudanças, substituindo o enfoque tradicionalista por metodologias mais ousadas” (MORAIS, 2009, p.118).

O desafio se tornou, ofertar um ensino significativo, porém sem o contato direto com a criança, tendo em vista que as interações sociais favorecem o aprendizado das crianças. Para Wallon (1986) o isolamento da criança pode ser uma influência negativa ao seu desenvolvimento, já que a interação social faz parte do desenvolvimento infantil.

Portanto, a educação como um todo não mais voltará a ser como antes, pois a escola, professor/a e aluno/a, passaram por adequações para garantir o acesso à educação mesmo que de forma não presencial. Uma das primeiras mudanças ocorridas neste contexto foi a metodologia adotada que teve que ser capaz de transpor o conteúdo teórico para além da sala de aula.

3 ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS NA PESQUISA DE CAMPO

A pandemia do Covid-19 trouxe para o cenário educacional brasileiro um novo desafio frente à estrutura de oferta educacional no país, que em sua maioria, não oferece a possibilidade de ensino remoto. Educadores/as, estudiosos/as, cientistas da educação, familiares e alunos/as viram suas vidas, pessoais, escolares e/ou acadêmicas mudarem do dia para a noite. Era necessário reinventar-se, aprender com o novo, ampliar olhares e avançar em direção a uma dinâmica, estrutura de ensino e aprendizagem que passava a vigorar em cada nação como um todo. Refletir sobre os avanços, desafios e impactos ocasionados por tais situações é a tarefa aqui assumida nesta análise de pesquisa de campo.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Educação Infantil localizada na cidade de Imperatriz (MA), pertencente à rede municipal de ensino. A escola atende crianças de 0 a 3 anos (creche) e 4 e 5 anos (pré-escola), nos turnos matutino e vespertino em uma estrutura de Pró-Infância que atende a comunidade e demais bairros da redondeza com um trabalho pedagógico de qualidade e ambiente físico estimulador que propicia o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. O trabalho da escola, fundamenta-se na concepção de criança, educação, desenvolvimento humano e nas abordagens da aprendizagem.

A instituição é dotada de ambientes essenciais para a aprendizagem das crianças: nove (9) salas de aula com solário, uma (1) sala multiuso (biblioteca e sala de vídeo), 6 (seis) banheiros para adultos, dois blocos de banheiros para crianças, duas salas de atividades multidisciplinares contendo banheiro; dois (2) fraldários, um (1) pátio de recreação coberto, espaço para teatro, parque infantil e um refeitório. Ambientes que permitem a realização de atividades pedagógicas, recreativas, esportivas e de alimentação. A escola investigada conta com uma gestora escolar, uma (1) coordenadora pedagógica, uma (1) pedagoga e um (1) secretário escolar. Conta ainda com dez (10) professores/as, sete (06) auxiliares pedagógicos de sala de aula, quatro (04) zeladores/as, quatro (04) merendeiras e três (03) vigias.

Quando inaugurada, a instituição iniciou suas atividades com um público de 257 crianças matriculadas, distribuídas em, 144 crianças de 1 a 3 anos (nas

turmas de creche) e 113 crianças de 4 e 5 anos (nas turmas de pré-escolas) e funcionava em turno integral e parcial. Atualmente, conta com um público de 420 crianças matriculadas. Sendo 206 crianças de 1 a 3 anos (creche) e 214 crianças de 4 e 5 anos (pré-escola) e funciona em turno parcial, dividido em matutino e vespertino.

Os sujeitos informantes da pesquisa foram cinco professoras atuantes na Educação Infantil sendo três professoras do turno matutino e 2 professoras do turno vespertino. O critério para escolha das informantes foi o fato de atuarem no mínimo a dois anos na Educação Infantil e serem graduadas em Pedagogia.

A professora P1 é formada em Pedagogia e atua na educação há 7 anos. A professora P2 trabalha há 14 anos e é formada em Pedagogia. A professora P3 é formada em Pedagogia e atua na educação há 11 anos. A professora P4 possui o curso de magistério normal e exerce atividade docente há 8 anos. A P5 atua no magistério há 20 anos.

O instrumento de coleta de dados utilizado para coleta de informações foi a entrevista semi-estruturada seguindo um roteiro de 8 perguntas que se referem diretamente ao objetivo da pesquisa. As respostas foram gravadas em áudio usando-se de um aplicativo de gravação de voz contido em aparelho celular.

A primeira pergunta feita as professoras foi: A escola em que você trabalha, ofereceu formação adequada acerca das ferramentas digitais de ensino utilizadas no período de pandemia? As respostas colhidas foram:

SIM, no início da Pandemia as nossas formações aconteceram de forma online através do Google Meet (Resposta 1, 2022).

Sim, assim que nos afastamos das nossas atividades normais tivemos as formações online (Resposta 2, 2022).

Sim, mas teve que ser online por causa das atividades presenciais que foram suspensas (Resposta 3, 2022).

Sim, mas tive muita dificuldade, pois as formações só era para mostrar como funcionaria para conversar com as famílias e como iria acontecer as aulas online (Resposta 4, 2022).

No primeiro momento tive muitas dificuldades em lidar com as ferramentas digitais e só a partir das formações que pude compreender de que forma deveria desenvolver minhas aulas de forma virtual. A Prefeitura de Imperatriz por meio da Secretaria de Educação (SEMED) ofertou para os professores algumas formações

que acontecia através de um canal do Youtube, sendo chamado de Webinário, esse era destinado por dia para cada modalidade de ensino (Resposta 5, 2022).

Foram os recursos tecnológicos que possibilitaram o desenvolvimento das aulas não presenciais e contribuíram para o processo de formação continuada de professores/as. No que concerne ao uso das tecnologias, 3 professoras relataram uma maior dificuldade que as demais.

A esse respeito, os mais variados desafios foram acontecendo, como por exemplo, a percepção que o pacote de internet que antes supria as necessidades, passa a ser insuficiente; os aparelhos tecnológicos incidem a não comportar a quantidade de aplicativos, ferramentas, plataformas e etc; além de gastos com a aquisição e manutenção dos aparelhos tecnológicos (Cruz; Coelho; Ferreira, 2021).

Os dados nos revelam que estas novas exigências para realizar uma formação continuada remota resultou na necessidade de reuniões virtuais e bem significativas, mas para algumas educadoras, houve a necessidade de buscar novos saberes para conhecer as plataformas digitais e aparelhos tecnológicos.

Ao adotar o *Home Office*, isso se resulta em necessidades e demandas de acesso à rede e equipamentos. As educadoras responderam que as instituições em que atuam, assim como toda rede municipal de ensino tiveram formação para com o trabalho de forma remota, sendo através de reuniões por meio de plataforma digitais assim mantendo o distanciamento social.

Em relação a profissionalização docente, Guimarães contribui (2006, p. 111):

Os problemas da formação de professores só podem encontrar soluções satisfatórias se compreendermos que formação e profissionalização docentes são aspectos indissociáveis e que estão profundamente imbricados na escolha da profissão, na forma de ingresso no campo de atuação, no acolhimento no local de trabalho, nas formas de organização e produção do trabalho escolar, no grau de satisfação profissional com a carreira e com a profissão e nas perspectivas de crescimento e desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Neste sentido, podemos afirmar que as formações foram de fundamental

importância para o desenvolvimento das metodologias empregadas no período de pandemia, já que os/as educadores/as tiveram com isso a oportunidade de desenvolver suas metodologias de forma a alcançar seus objetivos.

Outro ponto importante para o processo de aprendizagem é o planejamento, a elaboração e a execução das aulas nesse período pandêmico, momento este que trouxe algumas dificuldades nesse sentido e a próxima questão analisada abordará este assunto.

A segunda pergunta feita aos informantes da pesquisa foi: Quais as maiores dificuldades enfrentadas no planejamento, elaboração e execução das aulas remotas?

As maiores dificuldades foram para mim conseguir ofertar a todos os alunos as minhas aulas, pois alguns pais relataram a falta de meios para participarem das aulas remotas (Resposta 1, 2022).

Pra mim, a maior dificuldade foi o afastamento social, já que acredito que a socialização direta com a crianças se torna mais eficaz no processo ensino aprendizagem (Resposta 2, 2022).

Acredito que muitas formas as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores, onde na minha visão posso pontuar que o planejamento e elaboração, foi umas das maiores dificuldades em planejar de forma que o aprendizado fosse significativo para a criança e fácil de entender pelo responsável (Resposta 3, 2022).

Acho que as maiores dificuldades foram a evasão escolar, a recusa das famílias em participar das aulas, gravar os vídeos entre outros (Resposta 4, 2022).

Falta de internet, celular e computador a principal causa da falta de participação dos seus alunos nas propostas de aprendizado oferecidas por elas. As crianças necessitam do contato direto com o professor, com o ambiente escolar e demais colegas de turma, pois se, presencial já é muito difícil “prender” a atenção das crianças, com o ensino remoto se torna mais complicado ainda, com isso, a aprendizagem se torna defasada (Resposta 5, 2022).

O planejamento escolar, já é um grande desafio para o/a educador/a, já que o mesmo deve atender às necessidades e às peculiaridades como um todo, e diante da pandemia como fazer a elaboração e planejamento de forma a contemplar esses/as alunos/as a distância.

Desta forma, não bastou somente um planejamento adequado, Tormena e Figueiredo (2010) propõem uma reflexão que conscientiza sobre a

importância do planejamento na era da globalização, apontando a dificuldade dessa ação por parte dos/as professores/as diante da dinâmica globalizada.

Com isso o planejamento, elaboração e execução das aulas remotas exigem muito mais do que dominar o conteúdo, e sim ter a sensibilidade de compreender as dificuldades e entraves no processo de aprendizagem em período pandêmico.

Podemos perceber através da pesquisa que a ausência do contato direto com a criança, se tornou um grande obstáculo no processo de aprendizagem, já que na Educação Infantil este fator é de extrema importância no desenvolvimento em diversas áreas. Porém, com as aulas remotas esse contato direto não pode ocorrer, com isso, o trabalho do/a educador/a se tornou bem mais complexo, pois além de planejar, gravar vídeos, acompanhar a devolutiva e avaliá-la, levando um tempo ainda maior do que a sua jornada de trabalho habitual.

Desta forma, Feitosa *et al.* (2020) enfatiza que o ensino remoto exige um tempo maior de dedicação, demandando que os/as professores/as trabalhem até mesmo aos finais de semana, inclusive para elaborarem estratégias de ensino remoto, que será abordado nos parágrafos seguintes.

Um problema social que ocorreu durante as aulas remotas foi a evasão escolar como relata a educadora P4, a evasão nas escolas é reflexo de um contexto capitalista excludente, políticas públicas ineficazes e ou inexistentes. Muitas famílias não tiveram recursos tecnológicos para acompanhar as aulas, e, muitos dos responsáveis não havia conhecimento para ensinar ou acompanhar o/a aluno/a. Em relação as dificuldades encontradas ainda no período pandêmico, é visto em todas as falas dos educadoras.

Segundo Zurawski (2020), a formação humana de crianças e jovens está relacionada ao cotidiano, à sala de aula e à ação pedagógica do professorado, tendo em mente que, neste processo, o que importa é a vida das pessoas.

Dessa maneira, percebemos o quão importante é para a docência a conexão emocional e afetiva com o alunado, visando o seu bem-estar. Na pós-pandemia sabemos que o acolhimento emocional e empatia é a primeira medida para curar as feridas deixadas por esta lacuna de tempo fora do ambiente

escolar.

Também foi perguntado sobre: As estratégias de ensino adotadas durante as aulas não presenciais.

Um das estratégias adotadas pela escola foi a distribuição de maletas com um kit pedagógico, contendo um livro de orientação para os pais, materiais pedagógicos e 2 livros didáticos para serem aplicados às crianças pelas famílias com orientação das professoras (Resposta 1, 2022).

Acredito que as aulas online, não suprem as necessidades que são necessárias para o desenvolvimento infantil, mas diante da realidade imposta pela pandemia acredito que os objetivos não foram alcançados integralmente e sim parcialmente. Quando fomos informados que as aulas presenciais foram substituídas por aulas online via WhatsApp, se constatou que algumas famílias não disponibilizavam celulares, computadores, tablet entre outros o suficiente para realizar as atividades propostas, então para esta situação foi aberto para o responsável ir à escola buscar essas propostas de atividades impressas e realizar as devolutivas da mesma forma indo deixá-las na escola (Resposta 2, 2022).

Para a produção da proposta de aprendizado a professora teria que gravar pequenos vídeos autoexplicativos e se utilizar de aplicativos de edição com: KineMaster, CapCut, InShot, YouCut, entre outros, já que o objetivo dos mesmos será tornar a proposta atrativa e lúdica para a criança e ao mesmo tempo clara o suficiente para que o responsável auxiliasse a criança na produção das atividades. Nos primeiros dias as aulas foram suspensas e nos deparamos com incertezas acerca do nosso trabalho, passando alguns dias a escola por meio de WhatsApp nos orientou a criar um grupo e repassar as informações para os pais dos alunos. Depois de criar os grupos e de termos as formações passamos a gravar vídeos aulas e enviar para as famílias com propostas de aprendizado de maneira que os pais pudessem executá-las (Resposta 3, 2022).

Uma das estratégias de ensino adotadas no período de pandemia foi em relação ao planejamento da aula, pois em vez de se planejar diariamente foi adotado o Seminário que funcionou da seguinte forma: as aulas deveriam ocorrer no período de duas semanas para cada proposta de ensino o pai ou responsáveis teria dois dias úteis para fazer a devolutiva, sendo esta realizada através de fotos e vídeos para que a professora conseguisse confirmar a participação da criança (Resposta 4, 2022).

Para a conclusão do ano letivo todas as professoras produziram um portfólio, contendo todos os semanários, contendo as imagens das devolutivas e um relatório contemplando as experiências vividas por estas crianças. Outra estratégia fundamentada para assegurar uma educação de qualidade para as crianças da educação infantil foi a busca ativa daqueles que não participavam das aulas, onde primeiramente se estabelecia um contato por meio de ligações telefônicas, já que neste período o distanciamento social era obrigatório para todos, porém se não fosse possível encontrar aluno,

a professora deveria informar a gestão para que a mesma fosse no endereço do família, afim de saber quais os motivos do afastamento da criança (Resposta 5, 2022).

Outra estratégia relevante que a educadora P1 relatou ser: “A estratégia de avaliação passou a ser através das devolutivas da proposta de aprendizado das crianças servindo assim também como presença nas aulas”. Já que, “O processo de avaliação consiste essencialmente em determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelo programa do currículo e do ensino” (Tyler, Haydt, 2002, p.11). Prosseguindo com as afirmações os autores defendem:

Como os objetivos educacionais são essencialmente mudanças em seres humanos em outras palavras, com os objetivos visados constituem em produzir certas modificações desejáveis nos padrões de comportamento do estudante- a avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que essas mudanças de comportamento estão realmente ocorrendo.

Em relação a todas estas mudanças no contexto escolar, pode se perceber através das contribuições das educadoras que, além das adequações nas estratégias de ensino, muitas delas se viram, em conflito pessoal diante das novas estratégias que exigiram um controle mental, uma nova perspectiva de lecionar, porém percebemos que todas estavam abertas a estas novas mudanças, e que de alguma forma procuraram se adaptar a realidade escolar.

A quarta pergunta abordou sobre: Conseguir alcançar os objetivos dos conteúdos abordados com as aulas online.

Ao meu ver as crianças e famílias foram acolhidas de certa forma pela a escola, porém em relação ao aprendizado muito dos objetivos a serem alcançado não se obteve sucesso (Resposta 1, 2022).

Acredito que nem a escola, a família e a criança, não estavam preparados para com esta realidade, repentina, e que toda a pressão que todos passaram diante das incertezas, os objetivo para com o aprendizado infantil, foram prejudicados e que os objetivo de aprendizados não foram totalmente alcançados (Resposta 2, 2022).

Houve falta de interesse ou disponibilidades dos pais, evasão escolar, relato de falta de celular, computador e mídias digitais para as devolutivas seres alguns dos motivos que contribuíram para o não

alcance dos objetivos sendo esta, 10% (Resposta 3, 2022).

Não foram alcançados os objetivos, pois os conteúdos abordados, não foram os mesmos que trabalhamos em sala de aula, e por não estamos familiarizados com essa modalidade de ensino a distância muito ficou a desejar, para com o aprendizado das crianças (Resposta 4, 2022).

Muitos dos pais não compreenderam de forma satisfatória o conteúdo e as devolutivas, nem sempre eram entregues nos dias previstos, atrapalhando o andamento das aulas remotas (Resposta 5, 2022).

Quanto ao alcance dos objetivos esperados através dos conteúdos abordados, com as aulas online, aplicados aos 05 entrevistadas, 03 afirmaram que para elas os objetivos foram alcançados de forma satisfatória e que a colaboração da família foi fundamental para que suas aulas online ocorressem de forma significativa.

Assim, Tiba afirma que (2002) o apoio dos pais às atividades propostas pelos professores para serem desenvolvidas em casa é primordial para que a criança observe que seu aprendizado é importante, isso pode acontecer tanto na escola como em casa. Com isso, as educadoras afirmam ter alcançado seus objetivos durante o período de pandemia, diante das aulas online, preferindo aulas presenciais e não a distância em que o contato se torna indispensável.

Baseando-se nestas falas anteriores, também foi entendido que muitos dos pais não compreenderam de forma satisfatória o conteúdo, e que as devolutivas, nem sempre eram entregues nos dias previstos, atrapalhando o andamento das aulas remotas, esse 30% afirmaram preferir aulas presenciais e não a distância, que o contato para elas se torna insubstituível.

De acordo com às professoras entrevistadas sobre os recursos de ensino utilizados no período pandêmico, estas citam, por exemplo...

Por celular, aplicativo de edições, livros, cenários (Resposta 1, 2022).

Recursos utilizados aparelho celular, computador (Resposta 2, 2022).

Apresentação de slides, vídeos, painéis digitais, sites, entre outros se tornaram cursos digitais de aprendizagem valiosos. Neste momento se fez necessário criar atividades lúdicas que explorasse o ambiente em que a criança vivia e fizesse uso dos recursos com os materiais de casa (Resposta 3, 2022).

Bloco de atividades! Vídeo aula via WhatsApp (Resposta 4, 2022).

Através do celular e do livro didático e atividades impressas entregue as famílias que era de suma importância para aqueles que não possuíam conhecimento tecnológico (Resposta 5, 2022).

Com os relatos das educadoras apresentados para responder a questão 5, percebemos as mudanças de suas rotinas para atender os/as alunos/as elaborando aulas intensificadas para garantir que nenhuma criança ficasse sem estudar. Por meio desses relatos de estratégias e recursos utilizados, vemos que o mais importante é o acolhimento e dedicação sempre pensando na aprendizagem das crianças.

Em relação a sua percepção sobre o acompanhamento das famílias, para você, foi uma visão positiva?

P1 - A percepção não foi boa, pois tivemos muita evasão escolar e poucas devolutivas das propostas de aprendizagem enviados pelas famílias.

P2 - O acompanhamento das famílias foi negativo, pois foi notória falta de acompanhamento das crianças e as poucas devolutivas.

P3 - As famílias no início estavam bem empolgadas, mas devido muitas atacarem as enfermidades da COVID-19 a defasagem se tornou cada vez mais visível.

P4 - Percebe-se, que os pais pouco acompanhavam o desenvolvimento do seu filho, muitas vezes não sabendo a qual é a fase cognitiva que o filho se encontra.

P5 - A família, na maioria, acompanhou as devolutivas de maneira tímida e até desinteressada.

Com as respostas obtidas, percebeu-se que as famílias tiveram pouca ou nenhuma participação efetiva nas atividades escolares diárias neste período pandêmico, como comentado pela educadora P3, muitos familiares foram acometidos pelo vírus.

Perguntamos como encaminhavam as atividades da semana aos alunos, e as respostas advindas foram:

Encaminhávamos através de um grupo de WhatsApp onde as propostas eram encaminhadas três vezes na semana (Resposta 1, 2022).

As atividades eram feitas por meio de vídeos explicativos geralmente com o intuito da interação com a família, com retorno de vídeos e

fotos dos momentos e também os vídeos explicativos das atividades do livro (Resposta 2, 2022).

As atividades eram confeccionadas em bloquinhos semanalmente para as famílias que tinham dificuldade em manusear o celular ou com internet, enviadas três vezes na semana (Resposta 3, 2022).

Via WhatsApp devido a correria que a família tem, a proposta enviada em formato de vídeos coloridos e música tudo de curta duração (Resposta 4, 2022).

Através de vídeos feitos com celulares enviados para o grupo de WhatsApp da turminha, e atividades feitas para as crianças (Resposta 5, 2022).

As professoras tiveram que se reinventar, ter domínio de novas tecnologias, trabalhar em tempo integral, lidar com a falta de motivação dos/as alunos/as e das famílias que muitas não tinham conhecimento tecnológico para acompanhar a criança nessa nova jornada de estudos, também foi preciso ser pensado como seria o acompanhamento do/a desenvolvimento do aluno/a, tiveram que adquirir diversas habilidades e competências, e ainda ter que trabalhar com a ausência de recursos. Muitas vezes não havia devolutiva das atividades, mas através do uso do aplicativo WhatsApp a comunicação se tornou um pouco mais próxima.

Quanto às estratégias utilizadas para estimular a interação, responderam:

Vídeos divertidos e criação de recurso coloridos para chamar atenção das crianças (Resposta 1, 2022).

Aconteciam de forma lúdica com interação indireta com as crianças através de vídeo gravados pelas professoras (Resposta 2, 2022).

Sempre fazer vídeos mais simples possíveis enfatizando o retorno da criança (Resposta 3, 2022).

Demonstrar afeto e empatia permite que as famílias se sintam acolhidas melhorando a relação entre família e a escola. A família conversar com as crianças sobre suas emoções principalmente no período em que estavam passando (Resposta 4, 2022).

Recursos concretos e objetivos de imagens dentro dos contextos das propostas das atividades (Resposta 5, 2022).

Neste período os/as profissionais da educação tiveram que se reinventarem para que as atividades chegassem aos alunos/as da forma mais

lúdica possível, pois a desmotivação das famílias, alunos/as e até professores/as foi perceptível nas entrevistas, a parceria família e escola foi fundamental para que funcionasse de forma efetiva e da melhor maneira possível.

Conclui-se que, durante esse período desafiador, educadores e instituições de ensino enfrentaram inúmeras dificuldades para garantir a continuidade da aprendizagem dos alunos. Também surgiram a adoção de tecnologia educacional, flexibilidade e personalização do ensino, capacitação dos professores, a colaboração e compartilhamento para melhores práticas. Além disso, ficou evidente que a inclusão digital é fundamental para garantir que todos os alunos tenham igual acesso à educação durante situações de ensino remoto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, procuramos investigar quais os recursos de ensino adotados durante o período de pandemia do novo Corona Vírus (COVID 19), na Escola de Educação Infantil, localizada na Cidade de Imperatriz - MA. Diante desta se procurou fazer uma reflexão acerca das etapas e procedimentos adotados pois os/as envolvidos neste processo, tendo como foco principal os educadores, já que são eles os responsáveis por mediar o conhecimento direto com seus alunos.

Para a busca da resposta, frente as indagações feitas por meio da investigação, é possível considerar que os objetivos propostos com este trabalho foram alcançados de forma satisfatória, já que no primeiro momento ficou exposto o quanto foram desafiadores para os educadores ensinar de forma remota e em um curto período para as suas adequações. Verificamos também, que diante das respostas dos participantes que a insegurança, a falta de conhecimento, e os fatores sociais que abalaram a sociedade global por conta da pandemia, tornaram suas estratégias de ensino bem mais complexa do que as que estavam acostumados a presenciar em sala de aula.

Porém, mesmo sendo pegos de surpresas com as aulas remotas as educadoras afirmaram, que tiveram apoio, da gestão escolar, da secretaria de educação, e que esses órgãos procuram através de formação esclarecer as dúvidas, e que fornecimentos de materiais para que as mesmas conseguissem executar suas aulas de forma satisfatória.

Ainda neste contexto, podemos verificar que um dos desafios diante das aulas remotas foram a evasão escolar, a desigualdade social, e a falta de acesso às tecnologias digitais por parte das famílias que são atendidas por esta instituição de ensino. Para suprir essas dificuldades foram orientadas as famílias que não tinham celulares ou computadores disponíveis para esse tipo de aula, foram montados kits com livros e proposta de atividades impressas; essas poderiam ser retiradas na própria escola, com segurança, mantendo as normas de distanciamento social, com o uso obrigatório de máscaras e álcool em gel.

Percebemos que a escola pesquisada promoveu aos educadores/as

treinamentos adequados para a execução das aulas online, bem como através de acompanhamento da equipe pedagógica acerca das metodologias empregadas, além disso, a escola realizou busca ativa das crianças que não foi possível encontrá-la através das redes sociais.

A Secretaria de Educação proporcionou às escolas e aos professores/as momentos de formação continuada sobre a temática, essas ocorreram inicialmente de forma online, por meio de plataformas digitais. Sendo notável com a análise da pesquisa que alguns profissionais, geralmente os com mais idade, relatam que não tinham conhecimento o suficiente para realizar suas aulas, sendo um grande desafio neste primeiro momento.

Esta pesquisa foi uma oportunidade de adquirir conhecimentos que enquanto acadêmica me proporcionou confrontar as teorias diante das práticas em sala de aula, bem como ter a oportunidade de conhecer novos recursos de ensino diante do período pandêmico.

Portanto, neste trabalho fizemos uma reflexão a propósito da temática pesquisada, no qual percebemos que inúmeros foram os desafios enfrentados no processo de aprendizagem dos/as alunos/as da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cleriston Izidro dos; PEREIRA, Fábio Hoffman. Educação Infantil em tempos de pandemia: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 3-20, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79179>. Acesso em: 14.jul.2022.

ALVES, Alda Judith. O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 77, outubro/ 2011.

ARCE, Alessandra. *Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins de infância*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BARBOSA, Maria Carmen S. *Refletindo sobre a Avaliação, a Documentação Pedagógica e o Acompanhamento das Aprendizagens*. FAGED: UFRGS, 2009. Disponível em: http://amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/educacao/freiavi/arquivos/fortal_eza_2007.zip?PHPSESSID=95ee7bc5470d4696f63452d5580a64f1

BACH, Eliane Loreni , PERANZONI, Vaneza Cauduro. A história da Educação Infantil no Brasil: fatos e uma realidade. *Revista Digital*. Buenos Aires - Año 19 - N° 192 - Mayo de 2014

BITTAR, M; SILVA, J.; MOTA, M. A.C. Formulação e implementação da política de educação infantil no Brasil. In: *Educação infantil, política, formação e prática docente*. Campo Grande, MS: UCDB, 2003.

BRASIL. *Nova Escola*. Entenda Os 6 Direitos de Aprendizagem Propostos pela BNCC. 2018. Acesso em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/56/entenda-os-6-direitos-de-aprendizagem-propostos-pela-bncc>. Disponível em: 10 de novembro de 2022

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, Senado Federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). *Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020*. Brasília: MS; 2020, Acesso em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>. Disponível em: 27,mar. 2022.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. *Diretrizes para a Educação*. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Agência Nacional de Vigilância Sanitária*

(ANVISA). Resolução nº 777 de 18/03/2020. Brasil: ANVISA, 2020c. Disponível em: [https:// www.planalto.br/](https://www.planalto.br/). Acesso em: 15 maiol 2022.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 2010. Acesso em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/escolaqueprotege_art227.pdf . Disponível em: 25 de maio de 2022.

BRITO, Claudia da Silva. *Educação e Novas Tecnologias: um-repensar*. Curitiba: Ibpex, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (Org.) *Educação Geográfica: teorias e práticas docentes*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 66-78.

FEITOSA, M.C.; MOURA, P.S.; RAMOS, M.S.F.; LAVOR, O.P. *Ensino Remoto: O que Pensam os Alunos e Professores?* Congresso sobre Tecnologias na Educação (CTRL+E), 2020, Evento Online. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. p. 60-68. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/ctrl.2020.11383>. Acesso em: 21 mar. 2022.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. Educação em tempos de pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar. *Revista Cocar*. Edição Especial N.09/2021, p.1-19. Disponível em: [https://periodicos.uepa.br/index .php/coc ar/article/ view/4126](https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4126). Acesso em 24 de jul de 2021

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. (2020a). *Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial - Informações Gerais*. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/documento/cartil ha-saudemental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19](https://portal.fiocruz.br/documento/cartilha-saudemental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19)

GUIMARÃES, Walter Soares. *Formação de professores: saberes, identidade e profissão*. 3 ed. Papyrus, 2006.

GUSTSACK, F. (2014). Educação e linguagens: a escrita e os professores - outros dados e reflexões. *Revista Jovens Pesquisadores*, 4(2).

HAYDT, R. C. *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e521974299, 24 maio, 2020.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: Bazílio, Luiz Cavalieri; Kramer, Sônia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003. P. 18-19.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade*. Brasília: FNDE, 2006.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 37, e200089. 2020.

LITWIN, E. (org.). Educação a Distância: Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Fátima Murad (trad.). Porto Alegre: Artmed, 2005.

MAGALHÃES, C. (15 de Jun de 2020). 1 Live (23:32). *Educação Infantil na Pandemia*. Acesso em 24 de Jun de 2020, disponível em Publicado no canal Blog BaguncEI -:<https://www.youtube.com/watch?v=SmsxVuOYEXE>

MAGALHÃES, C. (15 de Jun de 2020). 1 Live (23:32). *Educação Infantil na Pandemia*. Acesso em 24 de Jun de 2020, disponível em Publicado no canal Blog BaguncEI -: <https://www.youtube.com/watch?v=SmsxVuOYEXE>.

MARCONI, Maria de A. e LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Ed. Atlas, 2003.

MEDEIROS, Vale de.; PEREIRA, Eliane Ramos; SILVA, Rose Mary Costa Rosa Andrade. *Desafios das Famílias na Adaptação da Educação Infantil a Distância Durante a Pandemia de Covid-19: Relato de Experiência*. Universidade Federal Fluminense. Acesso em: 18 de janeiro de 2022.

MERISSE, A. (et all). *Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. *Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus*. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/03/ministerio-da-economia-avaliar-impacto-economico-do-coronavirus-no-Brasil>. Acesso em: 18 mai. 2022b.

MORAIS, Marta Bouissou. *Ciências - ensinar e aprender- Belo Horizonte: Dimensão*, 2009

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. *Revista Dialogia*, n. 34, p. 14, 2020.

NOTÍCIAS / Educação e Pesquisa / 2020 / 06 / MEC. *Orienta instituições sobre ensino durante pandemia*. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/06/mec-orienta-instituicoes-sobre->

ensino-durante pandemia#:~:-text=Para%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20%20as,crian%C3%A7as%20pequenas%20se%20desenvolvam%20brincando. Acesso em: 18 jun. 2022.

PAIDÉIA (Ribeirão Preto), *História da Educação Escolar no Brasil: Notas Para Uma Reflexão*. Jul 1993 Acesso em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100003>. Disponível em: 25 de maio de 2022.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. C. *A Educação Híbrida em Tempos de Pandemia: Algumas Considerações*. Artigo para Conclusão de Curso em Pedagogia. Universidade Federal de Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>. Acesso em: 21 de mai. 2022.

PEREIRA JUNIOR, Lucimar da Silva; MACHADO, Joana Bartolomeu. Educação Infantil em tempos de pandemia: desafios no ensino remoto emergencial ao trabalhar com jogos e brincadeiras. *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 6, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigo/s/21/6/educacao-infantil-em-tempos-de-pandemia-desafios-no-ensino-remoto-emergencial-ao-trabalhar-com-jogos-e-brincadeiras>.

PIROZZI, Giane Peres. A didática em tempos de distanciamento social: Novas ferramentas a serviço do ensino. *Cultura Digital: novas relações pedagógicas para Aprender e Ensinar: volume 1/ Cleber Bianchessi*. - Curitiba: Bagai, 2020. 236p. ISBN 978-87204-14-7.

RELAEC. *Revista Latino-Americana de Estudos Científico* Disponível em: <http://www.period...> Acesso em 13.jul.2022.

RIBEIRO, C. A. do. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, 5 (10), 173-187.2012.

RIBEIRO, M. L. S. *História da Educação Brasileira: A Organização Escolar*. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1981.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RODRIGUES, Rosângela Schwarz. *Modelo de planejamento para Educação a Distância em Cooperação Universidade-Empresa*. Tese Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. Disponível em: Acesso em: 06 out. 2016. www.ead.com.br/ Acesso em 08 de jan. de 2022.

SANTOS, Boaventura, Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020. E-book.

SARAIVA, Terezinha. *Revista Tecnológica Educacional*, 1995.

SCHMIDT, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia* (Campinas), 37, e200063.

SAÚDE, Ministério da. *Brasil atinge marca de 20 milhões de recuperados pela Covid-19 — Português (Brasil)*. 2021b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/ptbr/coronavirus/informes-diarios-covid-19/brasil-atinge-marca-de-20-milhoes-de-recuperadospela-covid-19>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Ensino e Pesquisa na Docência Universitária: Caminhos para integração*. São Paulo: FEUS, 2008.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; SILVA NETO, Jerônimo Gregório da; SANTOS, Marilde Chaves dos. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. Piauí: *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*. v.1, n.2, p. 231-35, mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/31695>. Acesso em: 11.nov.2022.

SPADA, Ana Corina Machado. Processo de Criação das Primeiras Creches Brasileiras e seu Impacto sobre a Educação Infantil de Zero a Três Anos. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*. Periodicidade Semestral – Edição Número 5 – Janeiro de 2005- ISSN 1678-300x.

SPADACIO, C., & Alves, M. G. de M. (2020). Nos entremeios: o biológico e o social no Brasil no contexto da COVID-19 e o papel da Atenção Primária à Saúde. *APS EM REVISTA*, 2(1), 61–65. <https://doi.org/10.14295/aps.v2i1.67>

SPADACIO, Cristiane; GUIMARÃES, Márcia; ALVES, Mello. Nos entremeios: o biológico e o social no Brasil no contexto da COVID-19 e o papel da Atenção Primária à Saúde. *APSEMREVISTA.org*, [S. l.], p. 61–65, 2020. DOI: 10.14295/aps.v2i3.67. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/67>. Acesso em: 27 mar. 2022.

STRECK, Niqueli; GUSTSACK, Felipe. *Narrativas docentes e experiência na Educação Infantil*. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/12085/1911> Acesso em 09.jul.2022.

TIBA, I. *Quem ama, educa!* 154 ed. São Paulo: Gente, 2002. 190p.

TORMENA, A.A.; FIGUEIREDO, J.A. *Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica*. 2010. http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2010/2_010_fafipa_ped_artigo_ana_aparecida_tormena.pdf> Acesso em 05 jun. 2022.

UJVARI, Stefan Cunha. *A História das Pandemias*. São Paulo: Contexto, 2020.

- VEIGA, Ilma P. Docência como atividade profissional. In: VEIGA, Ilma P.; D'Ávila, Cristina. (Orgs.) *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 13-22.
- WALLON, H. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1986.
- WHO, World Health Organization. (2020b). *Q&A on coronaviruses (COVID-19)*. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/q-a-coronaviruses>. Acesso em 22.jun.2022.
- Wilder-Smith, A., & Freedman, D. O. (2020). Isolation, quarantine, and social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *J. Travel Med*, 27(2), 1–4. Disponível em: <https://academic.oup.com/jtm/article/27/2/taaa020/5735321>
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Checklist to support schools re-opening and preparation for Covid-19 resurgences or similar public health crises. Geneva: World Health Organization, 2020b. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240017467>. Acesso em: 8 fev. 2021.
- Zurawski, Rafaela Luana., Boer, Noemi., e Scheid, Neusa Maria. John. (2020). O professor e os novos contextos de ensino: uma abordagem teórico-metodológica em tempos de pandemia. *Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas*, 21(2), 81-93. doi: <https://doi.org/10.37780/ch.v21i2.3446>